

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

PALOMA PEREIRA DA SILVA

**O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS)
NAS REFLEXÕES DO PIBID/GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL
ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, ARAGUAÍNA-TO, NOS ANOS DE
2016 E 2017**

ARAGUAÍNA
2017

PALOMA PEREIRA DA SILVA

**O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS)
NAS REFLEXÕES DO PIBID/GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL
ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, ARAGUAÍNA-TO, NOS ANOS DE
2016 E 2017**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa

ARAGUAÍNA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586r Silva, Paloma Pereira da.
O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS)
NAS REFLEXÕES DO PIBID/GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL
ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, ARAGUAÍNA-TO, NOS ANOS DE 2016
E 2017. / Paloma Pereira da Silva. – Araguaína, TO, 2017.
70 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2017.
Orientadora : Kênia Gonçalves Costa

1. Racismo. 2. Discriminação. 3. Diversidade Étnico-racial. 4. Geografia. I.
Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PALOMA PEREIRA DA SILVA

**O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS)
NAS REFLEXÕES DO PIBID/GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL
ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, ARAGUAÍNA-TO, NOS ANOS DE
2016 E 2017**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de
Licenciatura Plena em Geografia da Universidade
Federal do Tocantins, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Prof^a. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa (Orientadora)

Prof^o. Dr^o. Jean Carlos Rodrigues(Avaliador)

A meus sobrinhos na consanguinidade: Leandro, Clarinha, Ricardo, Wesley, Moisés, Isaac, Emanuely e Kelvin, também filhos na afetividade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe Rosilene Pereira pelo amor e diligência além das suas forças que faz em prol de minha vida acadêmica, aos meus sobrinhos pelo incentivo que me dão mesmo que de forma inexpressável a toda minha família que tanto amo.

Obrigada a Prof^ª Dr^ª Kênia Gonçalves Costa por ter me orientado nessa pesquisa me dando todo suporte necessário. A toda a equipe do PIBID/Geografia, por ter me proporcionado esse momento, em especial a Prof^ª Izarete Oliveira por todo estímulo e encorajamento e as/aos minhas/meus colegas: bolsistas: Lucilan, Jorge, Luziene, Sheily Soares (*inmemoriam*), Raquel, Elaine, Eliane e Sarayane.

Aos meus colegas do LEPG (Laboratório de Ensino e Prática em Geografia): Andison, Kárita, Douglas, Joelma e Flor.

Agradeço ao meu noivo Gustavo Barbosa pelo apoio inquestionável e paciência comigo em todos os momentos.

A todos os meus colegas de faculdade, em especial a minha colega e companheira de que se tornou minha grande amiga: Régia Alves.

Obrigada a minhas amigas Bianca e Laura, e especificamente a Jaqueline Rodrigues pelo apoio e fiel amizade desde o início da minha vida acadêmica

A todos os meus amigos da Casa do Estudante que contribuíram indiretamente na construção desse trabalho: Vânia, Rosa, Dauanne, Ismênia, Geraldo Vinícius, Romualdo Júnior, Xibel, Leandro, Jane, Renata e Lucas. E aos que contribuíram diretamente, Danilo Garcia e João Pedro Almeida: obrigada pela companhia nas intermináveis noites de estudo, por toda a assistência e amizade incontestável.

Também quero expressar meus agradecimentos aos/as meus/minhas professores/as da educação básica que contribuíram muito na minha carreira acadêmica, que sempre me trazem recordações de incentivo e motivação ao aprendizado.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma colaboraram direto ou indiretamente para essa pesquisa ou para minha vida acadêmica: meu muito obrigada!

*Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo?
Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele a tal ponto que
você se alveja para ficar como o branco?
Quem te ensinou a odiar a forma do seu nariz e lábios?
Quem te ensinou a odiar você mesmo, da cabeça aos pés?
Quem te ensinou a odiar a sua raça tanto que você não
quer estar perto uns dos outros?
É bom você começar a se perguntar...*

Malcom X

RESUMO

O presente trabalho procura abordar a ocorrência do racismo e discriminação contra estudantes negros(as), no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes de Araguaína-TO, tendo como base as experiências e ações realizadas pelo PIBID/Geografia, nos anos de 2016 e 2017. Tem como objetivo analisar como a discriminação racial interfere nas relações dentro da escola, investigando como se dá a produção e reprodução de tais discriminações entre alunos(as) e entre estes e os(as) professores(as). A metodologia empregada foi quanti-qualitativa, efetivada por meio de análise bibliográfica, análise documental, observação a campo, aplicação de entrevistas e questionários. Os resultados da pesquisa nos indicam que o racismo ainda persiste no ambiente escolar, percebidos pelas práticas realizadas cotidianamente pelos(as) professores(as) e alunos(as). Nos instigando dessa forma a pensar na importância de fazer da escola um ambiente de diálogo e discussão a respeito da diversidade e pluralidade étnico-racial existente no nosso país, que seja isento de qualquer discriminação ou intolerância.

Palavras-Chave: Racismo, Discriminação, Diversidade, Étnico-racial.

ABSTRACT

This paper seeks to address the occurrence of racism and discrimination against black students, in the State College Adolfo Bezerra de Menezes from Araguaína-TO, based on the experiences and actions taken by the PIBID/Geography, in the years 2016 and 2017. It has as aim to analyze how the racial discrimination interferes in the relations within the school, investigating how the production and reproduction of such discrimination among students and between them and the teachers. The methodology employed was quantitative and qualitative, effective through bibliographical analysis, document analysis, field observations, interviews and questionnaires. The survey results tell us that racism still persists in the school environment, perceived by the practices performed daily by teachers and students. In urging that way thinking on the importance of making the school an environment of dialogue and discussion about the ethnic and racial diversity and ethno-racial plurality existing in our country, to be free from any discrimination or intolerance.

Keywords: Racism, Discrimination, ethnic and racial diversity.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 01: Estudantes produzindo cartazes com frases racistas e antiracistas.	51
Figura 02: Estudantes ouvem representante da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.	52
Figura 03: Estudantes ouvindo e dialogando sobre racismo.	54

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 01: Quantidade de entrevistas e questionários com alunos(as) e professores(as) 2017	30
Tabela 02: Proporção de alunos que já presenciaram e/ou sofreram racismo/discriminação racial na escola ou não por turmas, oficina e total geral	33
Tabela 03: Proporção de alunos(as) que acham que os(as) professores(as) demonstram ter alguma preferência por colegas quanto a sua cor de pele por turmas e total geral	43
Tabela 04: Proporção de alunos (as) por identidade étnico-racial autodeclarada por turmas, oficina e total geral	56

LISTA DE QUADRO

	Página
Quadro 01– Apelidos e xingamentos pelos quais os docentes negros (as) e brancos(as) são nomeados por seus colegas na escola	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAMINHOS DA PESQUISA	17
CAPITULO 1. RACISMO E ESCOLA: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL	20
1.1. RACISMO E DISCRIMINAÇÃO.....	21
1.1.1. Racismo é ignorância?	23
1.1.2. Quem se considera racista?	25
1.2. A ESCOLA	27
1.2.1. A LDB (Lei de diretrizes e Bases da Educação) e a Educação para Relações Étnico-raciais (Lei 10.639/2003)	29
CAPÍTULO 2. DISCRIMINAÇÃO RACIAL E A DIVERSIDADE NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES DE ARAGUAÍNA-TO	31
2.1 RELAÇÕES RACIAIS ENTRE ALUNOS(AS).....	32
2.1.1. A fala dos(das) alunos(as) sobre relações raciais	34
2.1.2. A hierarquia nos apelidos e brincadeiras	35
2.1.3. Estratégias de enfrentamento ao racismo entre estudantes	37
2.2 RELAÇÕES RACIAIS ENTRE PROFESSORES E ALUNOS	39
2.2.1.A fala dos docentes sobre as relações raciais	39
2.2.2. O que fazem os docentes da escola campo?	41
2.2.3.Tratamento diferenciado	43
CAPÍTULO 03. A QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PIBID, A GEOGRAFIA E A IDENTIDADE	46
3.1. TRABALHANDO COM A DIVERSIDADE: OFICINAS NA ESCOLA CAMPO	47
3.1.1. Oficina do Ensino Fundamental	48
3.1.2. Oficina do Ensino Médio	50
3.1.3. Comemoração do Dia da Consciência Negra	52
3.1.4. Oficina “Discutindo Identidade na Escola”	54
3.2. ESTUDANTE NEGRO E SUA IDENTIDADE NA ESCOLA.....	55
3.3. GEOGRAFIA, ÁFRICA E RACISMO: COMO A GEOGRAFIA É IMPORTANTE NAS QUESTÕES RACIAIS	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60

REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	64
Apêndice 1 Roteiro de entrevista realizadas com docentes da Área das Humanidades	65
Apêndice 2. Questionário aplicado aos estudantes das 3ª séries do Ens. Médio	66
Apêndice 3 Questionário aplicado a 25 alunos durante a Oficina Discutindo Identidade na Escola.....	67
ANEXOS	69
Anexo 1. Lei N° 10.639/2003	70

INTRODUÇÃO

Para iniciar o diálogo desta pesquisa vou me apresentar e contextualizar o lugar de fala e as experiências vividas.

Sou negra, pobre e carrego no orgulho da minha cor e cabelo a luta contra o racismo. Nasci em Xambioá uma cidade pequena no interior do estado do Tocantins, em 1994. Como vários outros cresci desprovida de muito, no entanto com uma força de vontade imensa que nunca me coube a frase “não posso”.

Sou negra, filha de negros. Mãe doméstica, analfabeta e pai gari, a penúltima de cinco filhos, já trago na sorte a dificuldade da vida. Porém, posso aqui dizer que apesar de tudo pude extrair o melhor que ela pôde me oferecer.

Minha família nunca foi a ideal. Trago em mim as marcas da convivência com a violência e desordem causada pelo alcoolismo, que posteriormente levou a separação dos meus pais. Uma família marcada pela gravidez na adolescência, a criminalidade, as drogas e a violência desde cedo. As marcas de traumas nunca descobertos. Não costumo evidenciar tudo isso, pois às vezes acho que estou apenas me vitimizando. No entanto, acredito que seja inevitável escrever sobre mim, sem se referir a minha família, já que carregamos um grande elo. Sensibilizo-me sempre (porque os amo) ao pensar que passaram e passam por muito mais do que eu.

Sempre fui muito observadora e talvez esse fosse meu diferencial quanto aos meus irmãos. Digo isso pelo fato de ser a única da família a alcançar uma universidade, na verdade sou a primeira de todas as gerações de minha família materna a conseguir isso. Meus irmãos e os outros anteriores a mim, não conseguiram vencer tudo que venci. Isso não significa que sou melhor do que eles, mas somente que encontrei no conhecimento a saída para minhas frustrações. Entristeço-me ao pensar: onde estão os meus irmãos que não conseguiram chegar até aqui? Quantos obstáculos eu consegui superar e eles não.

Minha mãe dizia que eu sempre fui muito curiosa e perguntava sobre tudo, ao ponto dela não saber responder as minhas perguntas. E as minhas principais dúvidas eram: porque minha pele não era branca; por que não tinha o cabelo liso; porque meu nariz e lábios não eram finos e principalmente porque as pessoas se importavam tanto com isso, fazendo-me me odiar, destruindo minha identidade. A minha maior dificuldade com certeza foi esta: de conviver com o racismo desde a infância e manifestado em maior intensidade na escola. Como muitos, cresci com hostilidades não expressas, afetos travados, a indiferença, o não dito ou mesmo o explícito e constatado atos de discriminação.

A escola foi um ambiente muito importante na minha vida, pois na maioria das vezes foi meu único incentivo pra continuar, no entanto foi também nela, que sofri atos de discriminação racial horríveis desde o meu primeiro dia de aula. Lembro-me que na pré-escola meus colegas me agrediram fisicamente, e me apelidaram pejorativamente, por causa de minha cor. Fico imaginando, como isso pode ter acontecido? Tínhamos cinco, seis anos de idade. Como crianças podem ser tão intolerantes? É horrível imaginar que assim como eu, muitas crianças passam por isso todos os dias.

A própria identidade que deve ser construída durante o crescimento da criança é deturpada com tudo isso. Além de gerar um sentimento de inferioridade enorme, interfere no desenvolvimento escolar e deixa marcas. Acredito que devido a isso, fui sempre muito tímida na escola, talvez como certa estratégia de enfrentamento, também selecionava bem os meus amigos e na maioria das vezes eram negros como eu (afinal, eles passavam pelo o que eu também passava). Tinha sempre aquele medo enorme de passar por constrangimento em público, sofrer apelidos racistas e exposição, que preferia estar só.

Apesar disso, me revoltei de certa forma e deixei de ser a menina tímida, já que esta não era minha personalidade natural. Só que agora, era necessário criar uma outra estratégia para enfrentar o racismo. Então, me tornei uma garota agressiva, que estava sempre metidas em brigas, à agressão foi a forma que encontrei de expressar minha revolta contra chacotas, apelidos e humilhações feitas em público, da qual eu passava. Uma situação delicada e que diante disso, eu todos os dias passava por uma luta interna sobre ir ou não a escola. Tudo isso só aconteceu porque eu não entendia necessariamente as situações e não tinha argumentos o bastante para revidar.

Todas essas questões, dúvidas e questionamentos me incentivam todos os dias nessa pesquisa e na minha vida acadêmica. Porque acredito piamente que a realização desse trabalho e da minha formação estabelecerá uma nova fase não só em minha vida, mas de todos ao meu redor.

Esse trabalho representa uma das minhas formas de luta. A primeira é o amor próprio. Meu amor próprio foi construído com o tempo e demorou quase minha vida inteira, juntamente com construção da minha identidade, a descoberta de mim e da minha beleza. Descobri antes de tarde do que nunca que me amo e que sou linda assim mesmo.

No entanto, penso nas crianças de hoje, principalmente em meus sobrinhos; quando ensino para eles, que são negros e não morenos ou cor de chocolate, e que não devem se envergonhar por isso; quando chamo minha sobrinha de “princesa” e ela diz que ninguém jamais a chamou assim, a não ser eu; ou mesmo quando ela diz que queria ter outro cabelo e

eu digo que o cabelo dela é lindo. Reflito o quanto eles devem ser fortes para enfrentar uma sociedade racista na qual nós vivemos.

A minha luta também é feita todo dia, até mesmo no silêncio, nos lábios serrados que suportam muita coisa. Se parecer fraca, é somente aparência, por que nos fazemos forte todo dia mesmo sem querer. Afinal, para o negro ser forte não é uma escolha, mas uma necessidade. Eis um sonho meu: de que um dia meus sucessores não precisarão ser tão fortes quanto eu.

Concluir esta pesquisa também é uma conquista. Todavia, não é apenas uma conquista minha, mas de todo povo brasileiro, por mais uma negra e mulher que conclui um curso superior em uma Universidade Pública da região Norte do Brasil.

Diante do exposto, o presente trabalho propõe a observação do cotidiano escolar a cerca do tema: racismo e discriminação de estudantes negros (as), a partir das ações do PIBID/Geografia, especificamente no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína - TO, nos anos 2016 e 2017.

O Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes está localizado na zona urbana de Araguaína – TO, na Rua Gonçalves Lêdo no Bairro São João. A unidade escolar oferece Ensino Regular Fundamental II (do 6º ano 9º ano), Ensino Regular Médio completo e anos finais do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e possui o maior número de estudantes de Araguaína atualmente.

A escola foi selecionada como campo de pesquisa por me condicionar uma melhor familiaridade, uma vez que recebe o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) com o subprojeto de Geografia, do qual eu faço parte. O PIBID tem como objetivo aproximar a universidade da escola pública, contribuindo para qualificação do futuro docente. Em que os acadêmicos fazem intervenção na escola pública, por meio de projetos, aulas, entendem como é o cotidiano escolar, espaços da unidade de ensino e as possibilidades segundo sua contribuição para o ensino-aprendizagem. Em vista disso, o público alvo a ser observado será estudantes das 3ª séries do Ensino Médio e a ocorrência do racismo no ambiente escolar.

Atualmente, os negros representam 44,2% da população brasileira. Este índice torna o Brasil o país não-africano com a maior população negra do mundo e o segundo maior se considerarmos todo o globo terrestre, perdendo somente para a Nigéria (CAVALLEIRO apud RIBEIRO, 1996, p. 40).

Dessa forma o Brasil se caracteriza pela variedade de etnias e culturas, pela multiplicidade de fisionomias, porém também com muitas visões sobre tudo isso. Esse caldo

de cultura muitas vezes gera atritos e conflitos em casa, na rua, no trabalho e na escola (SOUZA, 2005).

Sendo assim, o racismo se manifesta na escola e é uma ação de aversão, ódio ou intolerância em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial perceptível através da cor de pele, tipo de cabelo, etc. Também é um agrupado de princípios humanos que acreditam na existência de raças inferiores e superiores. Essa diferenciação de tratamento, uma atitude anti-educativa, concorre para difusão, a reprodução e a permanência do racismo no interior das escolas e na nossa sociedade como um todo (SANTOS, 2005).

Concordamos que o racismo existe e é uma prática diária na nossa sociedade e a discriminação regida pela condição de cor acontece em todas as instâncias, no entanto ainda é insistentemente negada no discurso brasileiro. Dessa forma, assim como permeiam o cotidiano das relações da sociedade, como na igreja, na família, no comércio, transcorre também no ambiente escolar. Partindo dessa realidade, compreendemos que as situações racistas envolvem a relação entre os estudantes, professores (as) e a gestão escolar, contudo, também é repassado através dos livros didáticos.

A Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) reconhece que a discriminação racial existe e a repudia quando se estabelece, por exemplo, que o racismo é um crime inafiançável e imprescritível. Desta forma, a superação do racismo é uma tarefa de primeira ordem e a escola tem um papel importante nessa superação. Levando em consideração que a escola não é só um ambiente de construção de conhecimento, mas também um âmbito de convivência, de formação de cidadãos atuantes na sociedade e que fazem parte de um grupo social.

Temos em nossa história as marcas da escravidão de africanos, representadas através da desigualdade histórica presentes nos dias de hoje. Muitos negros permanecem discriminados, vivem com o racismo e a discriminação e não encontram condições igualitárias de educação e capacitação profissional. Assim, ainda vivem em desvantagens aos brancos(as), em praticamente tudo, como: renda, educação, violência, saúde, habitação e emprego.

E a escola apresenta reflexo da sociedade, afinal recebe seres múltiplos e individuais, que adentram carregados de saberes e experiências. Enfim, a vida fora da sala de aula também exerce relevância. É necessário falar de um estudante sabendo quem ele é, os diversos contextos e as necessidades diferentes de cada um dentro da escola. Além de pensar sua singularidade racial e sua relação com a construção da identidade. Assim, é imprescindível reconhecer esse problema e combatê-lo na escola. E a escola precisa saber que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, a diversidade, as diferentes identidades, sexualidade, cultura, etc., para que consiga avançar (SOUZA, 2006).

Percebemos, portanto que o melhor caminho é a discussão. O silêncio sobre o racismo, a discriminação racial e o preconceito contribui para que tantas diferenças entre brancos(as) e negros(as) sejam entendidas como naturais. Construindo e reproduzindo assim, os negros como sinônimos de seres inferiores. E quando se evita falar/discutir sobre o racismo no cotidiano escolar, isso impede ou desmotiva o potencial intelectual de muitos estudantes nas escolas brasileiras, não só de negros(as) quanto de brancos(as), pois os impedem de serem livres dos preconceitos e estereótipos.

Todos estes tipos de exclusão ou discriminação refletem as relações estabelecidas da sociedade para a escola. E não é só executado apenas pelos próprios alunos(as), mas também por muitos professores(as), quando estes possuem o poder de argumentação, mas preferem se omitir. O que nos conduz a pensar sobre o tratamento que o professor(a), ou mesmo a escola tem dado a essa questão.

[...] alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 15).

Uma simples palavra, um olhar de indiferença ou um gesto negativo, pode causar um sentimento de rebaixamento, em que o estudante busca negar sua identidade e incorpora parasi à inferioridade reproduzida. Entre os efeitos a essa situações, estariam o sentimento de desvalorização, a rejeição da própria imagem, a inibição e a dificuldade de confiar em si mesmo. Assim, a prática do racismo pode gerar efeitos irreversíveis em qualquer criança e/ou adolescente na perspectiva psicológica e na vida pessoal.

Fazer com que alunos(as) passem a maioria do tempo escolar superando a auto estima do que aprendendo não é algo memorável. Como uma criança que é discriminada desde o momento do seu nascimento pode competir em igualdade com outra que é amada e incentivada? Isso não é cruel? Essas perguntas precisam ser respondidas e evitar dialogar sobre isso não é o melhor caminho. Eis a necessidade de discussão desse tema: nossa sociedade faz isso diariamente com crianças e adolescentes negros(as) nas escolas.

CAMINHOS DA PESQUISA

A metodologia deste trabalho seguirá uma abordagem quantiqualitativa e será realizada no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, dessa forma, também pode ser caracterizado como um “estudo de caso”, considerando seu caráter qualitativo; por tratar-se de um determinado cenário, especificamente localizado, no caso: a escola.

Tem como objetivo verificar e discutir a existência do preconceito racial de estudantes dentro da escola, correlacionado com os agentes internos dentro da instituição: os(as) docentes e os(as) gestores. Assim, os sujeitos analisados serão os estudantes.

Essa pesquisa apresenta o método dialético. Ao contrário da metafísica, que concebe o mundo como um conjunto de coisas estáticas, a dialética o compreende como um conjunto de processos (MARCONI e LAKATOS, 2003). Assim, o fim de um processo é sempre o começo de outro, apresentando uma reciprocidade. Essa reciprocidade pode ser verificada pela ação e reação quanto ao racismo.

O método dialético considera que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido, quando encarado isoladamente, fora dos fenômenos circundantes; porque, qualquer fenômeno, não importa em que domínio da natureza, pode ser convertido num contraste quando considerado fora das condições que o cercam, quando destacado destas condições; ao contrário, qualquer fenômeno pode ser compreendido e explicado, quando considerado do ponto de vista de sua ligação indissolúvel com os fenômenos que o rodeiam, quando considerado tal como ele é, condicionado pelos fenômenos que o circundam (MARCONI e LAKATOS, 2003 apud STALIN In: Politzer et al., s.d.:37).

A pesquisa se constituiu por experiência pessoal e observação do ambiente escolar. A experiência pessoal possibilitou recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais vivenciadas que puderam auxiliar no processo de investigação do trabalho. Na observação foram feitas análises visuais em que foram captados sinais, indícios, práticas, gestos e palavras que sejam relevantes e contemplem ou que insinuem a ocorrência da prática do racismo e discriminação de alunos(as) negros(as) no ambiente escolar. Para tanto, a pesquisa realizou-se na escola campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, no caso os estudantes, os(as) professores(as) e os(as) gestores considerando todos os pontos de vista relevantes.

Os procedimentos se constituíram em etapas:

- a) A pesquisa bibliográfica, que ocorreu durante todo o percurso do estudo, foi consultada publicações com o intuito de respaldá-la teoricamente;
- b) Análise documental do livro didático de Geografia da série analisada e do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola campo, com o objetivo de examinar como está sendo tratadas as questões raciais, o discurso pedagógico e dessa forma observar o papel da escola na eliminação do racismo.
- c) A pesquisa de campo que se constituiu por aplicação de questionários e entrevistas utilizados como instrumento na coleta de dados. Estes foram elaborados de forma a responder os objetivos da pesquisa. O roteiro de entrevista foi aplicado aos(as) professores(as) e gestores(as) da escola e

levantaram informações a respeito da caracterização, as suas concepções a respeito das relações raciais e da Lei 10.639/03 (Apêndice 1), a existência e o seu papel como educador no combate ao racismo e discriminação racial. Os questionários foram respondidos pelos(as) alunos(as) para a obtenção das seguintes informações: sua identidade étnico-racial, suas percepções e identificação do racismo no ambiente escolar.

O trabalho está organizado em três capítulos que dispõem sobre o desenvolvimento da pesquisa: o primeiro capítulo trás uma análise conceitual sobre racismo, discriminação, escola e a Lei 10.639/2003. O segundo faz algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre alunos e entre estes e professores, tendo como condicionante a questão racial. Nestas informações analisadas são resultados das entrevistas, observações e questionários aplicados. O terceiro e último capítulo descreve as ações e atividades que o PIBID/Geografia realizou na escola, além de fazer algumas considerações sobre a identidade do aluno na escola e estabelecer uma relação entre o ensino de Geografia e a questão racial. Por fim, na terceira e última parte, que constitui as considerações finais do trabalho são tecidas as últimas observações a respeito da pesquisa. Ao final, são acrescentados alguns anexos e apêndices relevantes que completam a documentação do trabalho.

CAPITULO 1. RACISMO E ESCOLA: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

O racismo ainda é um problema constante de nossa sociedade, e é um assunto de forte embate, apesar de o Brasil possuir uma população com uma grande diversidade racial, ele ainda está presente, seja este manifestado abertamente ou sutilmente em todos os espaços, inclusive na escola.

Em estudos anteriores, foi possível comprovar que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e em especial no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar. Para o aluno branco, ao contrário acarretam: a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça a discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública (SANTOS, 2005, p. 12).

Na maioria das vezes vemos a falta de preparação do corpo escolar, até mesmo dos(as) professores(as) para lidar com as questões étnico-raciais, de forma que o racismo continua acontecendo no cotidiano escolar por meio de gozações, ofensas, ditos populares, rejeição e exclusão contra estudantes negros(as). Dessa mesma forma alguns pais de estudantes não se encontram prontos para lidar com esta circunstância, ou seja, seus(suas) filhos(as) vão para escola despreparado perante as situações de discriminação que lhes irão aparecer cotidianamente.

Em vista disso observamos o descaso que o ambiente escolar tem dado as questões raciais, especialmente a origem étnica dos(as) alunos(as). Isso acontece muitas vezes por que os(as) educadores(as) não se encontram capacitados, ou seja, não receberam uma formação adequada para lidar com essas questões, ou mesmo se calam frente às situações de discriminação e dessa forma, ignorando as relações étnicas podem estar contribuindo para a perpetuação do racismo.

A escola possui um papel essencial no combate às atitudes preconceituosas, principalmente os(as) professores(as). E a questão do racismo deve ser apresentada à comunidade escolar de forma que sejam repensados constantemente os paradigmas, em especial os eurocêntricos¹, com que fomos educados (ROCHA e TRINDADE, 2006). Afinal, ninguém nasce racista, todos os tipos de preconceitos nos são repassados quando estamos em fase de formação de ideias, no processo de socialização com o outro. Por isso, escola e família

¹[...] Assim, pois, o eurocentrismo é aqui pensado como ideologia e paradigma, cujo cerne é uma estrutura mental de caráter provinciano, fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu-ocidental (BARBOSA, 2008, p. 47).

possuem funções muito importantes nesse processo, pois ambas são responsáveis pela formação do indivíduo.

O racismo e seus derivados no cotidiano e nos sistemas de ensino não podem ser subavaliados ou silenciados pelos quadros de professores(as). É imprescindível identificá-los e combatê-los. Assim como é pungente que todos(as) os(as) educadores(as) digam não ao racismo e juntos promovam o respeito mútuo e a possibilidade de se falar sobre as diferenças humanas sem medo, sem receio, sem preconceito e, acima de tudo, sem discriminação (GOMES, 2005, p. 12).

A escola deve contribuir de forma positiva para a construção da identidade racial dos estudantes negros. Tem como compromisso possibilitar o respeito entre os(as) alunos(as) de diferentes pertencimentos raciais de forma que sejam tratados dentro da igualdade, possibilitando assim, relações mais equilibradas entre eles. Dessa forma além de um ambiente de construção de conhecimento, é um lugar de impasses, debates e trocas.

Precisamos compartilhar uma visão de escola como ambiente que pode ser de felicidade, de satisfação, de diálogo, onde possamos de fato desejar estar. Um lugar de conflitos, sim, mas tratados como contradições, fluxos e refluxos. Lugar de movimento, aprendizagem, trocas, de vida, de axé (energia vital). Lugar potencializador da existência, de circulação de saberes, deconstituição de conhecimentos [...] (ROCHA e TRINDADE, 2006, p. 56 e 57).

Diante disso, os(as) docentes(as) e todo corpo escolar tem um papel essencial no sentido de preparar nossas crianças e adolescentes não só como alunos (as), na medida em que forma cidadãos(ãs) ativos(as) na construção na sociedade, capazes de lidar com as questões raciais encontradas, isentos de qualquer tipo de preconceito, sobretudo o racial.

1.1. RACISMO E DISCRIMINAÇÃO

Ao questionarmos para alguém qual sua raça, nem sempre recebemos uma resposta positiva. Alguns se sentem apreensivos, outros não entendem e muitos acham que seja motivo de chacota. Isso se deve a atual situação étnico-social do Brasil, em que: “ser negro” e “ser branco” implicam muitas coisas. A forma como cada um lida com essa pergunta dependerá da mentalidade, seu nível de identidade étnico-racial e da sua compreensão sobre raça.

As pessoas negras consideradas aqui são as pretas e pardas autodeclarada no censo realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Isso quer dizer que os(as) negros(as), são todos os não brancos(as).

Indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formamos, tecnicamente o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística

entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. (...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum (GOMES, 2005 apud SANTOS, 2002, p. 13).

Na base biológica, raça é um conceito volátil e seu uso não é preciso. A validade e até a utilidade desta forma de classificação têm sido repensada por muitos biólogos (STELLING, 2007). Uma vez que nas classificações evolutivas, a espécie é a menor unidade de classificação, portanto, não há raças ou subespécies, inclusive na espécie humana. Apenas no senso comum ela é agregada, portanto, é uma construção social. Isso quer dizer que as raças ideologicamente imersas no discurso social são apenas uma diferenciação criada quanto aos aspectos físicos comuns de um grupo, devido à grande variabilidade genética.

Ser diferente fisicamente não implica em ser superior ou inferior, conforme o conceito usado por Hitler na Alemanha como forma de dominação, mas as sequelas permanecem. Por isso, a variedade de características físicas de uma população envolve valores e imagens criados socialmente e não cientificamente.

A rejeição a essa palavra, se dá ao fato da raça nos reportar ao racismo e as marcas e imagens criadas pela nossa sociedade quanto à diversidade racial. Segundo Kabengele Munanga para o racista, a raça é vista de forma que o indivíduo é considerado inferior segundo suas características morais, intelectuais e psicológicas.

[...] Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas (MUNANGA, 2003, p. 08).

A pluralidade de características físicas dos grupos também tem uma importância no que se refere às separações entre a população, pois a cor da pele oferece imediata impressão de diferenças entre os mesmos. Assim, ser negro no Brasil significa sofrer com a desigualdade de renda, o analfabetismo, a violência e principalmente o racismo.

A discriminação racial aqui se coloca como qualquer ação ou atitude contra uma pessoa por causa de sua raça. Dessa forma, o processo acontece quando uma pessoa age de alguma forma que prejudica o outro, seja por meio de privação de direitos, de exclusão, de

distinção de alguma atividade. Já o racismo é o reflexo de um histórico de supremacia de uma raça contra a outra, no caso dos brancos contra os negros, marcados através da escravidão durante séculos. Portanto, no caso do Brasil, só pode existir racismo de brancos contra negros.

O racismo nasce quando se faz intervir caracteres biológicos como justificativa de tal ou tal comportamento (MUNANGA, 2003). A prática do racismo, da discriminação e dos preconceitos contra os negros ainda persistem, ultrapassando gerações. E podem ser verificados por meio de palavras, gestos, risos ou no próprio olhar de indiferença e principalmente na linguagem cotidiana.

A discriminação racial aqui se coloca como ação ou atitude contra uma pessoa por causa de sua cor. Dessa forma, o processo acontece quando uma pessoa age de alguma forma que prejudica o outro.

Logo, a escola como um ambiente que é o reflexo da sociedade, também recebe alunos(as), professores(as) e outros profissionais praticantes do racismo. Os atos racistas que ocorrem dentro da escola são muitos, colocando sempre o(a) aluno(a) branco(a) como superior e diminuindo a importância dos demais grupos étnico-raciais. Considerada como um ambiente de formação da identidade do indivíduo, a escola perde seu papel ou mesmo ajuda a manter a situação quando omite as discriminações afirmando existir igualdade entre alunos(as).

1.1.1. Racismo é ignorância?

O Racismo e a ignorância caminham sempre de mãos dadas. Os estereótipos e as ideias pré-concebidas vicejam se está ausente a informação, se falta o diálogo aberto, arejado, transparente (CARDOSO, 2000). Mas, não é só por isso que a questão do racismo é relevante para a educação.

Pensar o racismo como ignorância e que este existe na escola é preocupante. Como num ambiente que deveria ser isento de qualquer tipo de discriminação ainda persiste atos como o racismo? Estudantes que praticam atos racistas não receberam na sua formação como pessoas (no caso da família e mesmo da escola) o preparo para conviver com a problemática das diferenças. Isso quer dizer, que uma criança que não consegue aceitar a diferença étnica do outro, conviveu num ambiente etnocêntrico.

É importante não confundir racismo com etnocentrismo. O etnocentrismo é um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras (GOMES, 2012). No caso do(a) aluno(a), cresceu em um ambiente que se fundamenta em princípios

absolutos, os seus próprios preceitos e convicções, diante disso os padrões físicos ou dos costumes e da sociedade a qual ele pertence.

Assim, carrega em si a crença de que seus valores são os melhores, e que isso basta. Isso significa que uma pessoa etnocêntrica não quer absolutamente destruir o outro, porém, traz em si a negação da diferença. Quando esse sentimento se intensifica, isto é, fornecendo uma concepção de que outro apresenta além das diferenças físicas, uma inferioridade biológica, o etnocentrismo se transforma em racismo. Dessa forma o racismo na escola é apenas um exemplo de representação do etnocentrismo presente em nossa sociedade.

Quando relacionamos o racismo com a ignorância não estamos dizendo que o preconceito ou discriminação exista apenas nas pessoas ignorantes, como se a cada nível de instrução diminuísse o grau do racismo.

[...] como se bastasse freqüentar a universidade para ser completamente curado dessa doença que só afeta os ignorantes? Esquecem-se que o preconceito é produto das culturas humanas que, em algumas sociedades, transformou-se em arma ideológica para legitimar e justificar a dominação de uns sobre os outros. Esta maneira de relacionar o preconceito com a ignorância das pessoas põe o peso mais nos ombros dos indivíduos do que nos da sociedade. Além disso, projeta a sua superação apenas no domínio da razão, o que deixaria pensar, ao extremo, que nos países onde a educação é mais desenvolvida o racismo e tornaria um fenômeno raro (MUNANGA, 2005, p.18).

Por isso, estamos afirmando aqui que a ausência de conhecimento, ou a omissão sobre conceitos como: raça, etnia, preconceito e etc. contribuem para a sua disseminação. Ou seja, um lar ou escola em que não se fala sobre tais assuntos estará colaborando para o crescimento, pois se cria uma ideia de esquecimento, ou mesmo de que estes não existem. Neste caso o saber e o diálogo é a melhor solução, pois quando se evita falar/discutir sobre o racismo no cotidiano escolar, isso impede ou desmotiva o potencial intelectual de muitos alunos(as) nas escolas brasileiras, não só de negros(as) quanto de brancos(as), pois os impede de serem livres dos preconceitos e estereótipos².

Então como falar da escola, já que é o espaço de reconstrução de conhecimento e, no entanto, tais atividades ainda persistem? Sabemos que a educação é um direito de todos e hoje no Brasil quase todas as crianças tem acesso e isso é muito importante. No entanto, não basta que todas as crianças estejam na escola, é preciso que se tenha uma educação de qualidade,

²[...] Estereótipos são generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros baseados em generalizações de situações que aconteceram anteriormente, mas sem ligação com a atual, e muitas vezes eles acontecem sem ter conhecimento sobre grupos sociais ou características de indivíduos. Significa impressão sólida, e pode ser sobre a aparência, roupas, comportamento, cultura etc. (PIMENTEL, s.d.p. 6).

que ajude a produzir cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de compreender e respeitar as diferenças étnicas.

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar [...] (GOMES, 2005, p. 147).

Portanto, racismo é ignorância quando se omite falar ou discutir sobre ele, presumindo assim que ele não existe.

1.1.2. Quem se considera racista?

O Brasil viveu uma inclinação ao reconhecimento de que as práticas racistas contra pessoas negras existem, no entanto a maioria não reconhece ou não se percebe como racistas. Como ele existe se não há praticantes?

Quando a Folha de S. Paulo fez aquela pesquisa de opinião em 1995, perguntaram para muitos brasileiros se existe racismo no Brasil. Mais de 80% disseram que sim. Perguntaram para as mesmas pessoas: "você já discriminou alguém?". A maioria disse que não. Significa que há racismo, mas sem racistas. Ele está no ar(...)Como você vai combater isso? (MUNANGA, 2011, 07).

Existe sempre uma tendência em considerar o outro como o responsável pelo racismo. “Não somos racistas” essa é a voz que ecoa da boca dos brasileiros. Como afirma Milton Santos em sua última entrevista em 2011 “[...] o brasileiro tem vergonha de dizer que é racista, mas não tem vergonha de ser racista” (SANTOS, 2011). Esta é a realidade da sociedade brasileira, aprendido no lar, na família, na igreja, na escola e etc.. A crença é tão forte que fica difícil arrancar da sociedade uma confissão.

Afinal, vivemos num país que é resultante da combinação de diversos povos e raças, portanto, não existe racismo no Brasil. Esse é o discurso do “mito da democracia racial”³, em

³O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial (GOMES, 2012, p. 57).

que sob essa perspectiva, pelo simples fato do Brasil ser sobremaneira miscigenado⁴, todos seriam igualmente tratados e valorizados. Dessa forma a miscigenação seria o marco para o mito de que todos são igualmente respeitados e considerados, o que segundo Abramovay e Castro (2006), se caracteriza por disfarçar a real situação e profundidade, o que torna ainda mais cruel, já que quando acontece no ato e é revelado, se apresenta de forma inesperada. Assim, discriminações cometidas com base em diferenças raciais ficam escondidas sob o pretexto de uma igualdade que não se efetua.

A Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988) prevê racismo como crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, talvez exatamente, por isso, as discriminações contra negros(as) tem sido julgadas por muitos como algo insignificante, ou seja, com ocorrências ínfimas. Em vista disso, a maioria das ações discriminatórias no Brasil, não é considerada como intencionais já que ocorrem de forma sutil, em forma de brincadeiras, cochichos, comentários indiscretos, olhares indiferentes e/ou em práticas comuns de alguns grupos. De forma implícita, ou seja, eximindo xingamentos, agressão física ou gritaria, esse tipo de discriminação é considerado por alguns autores como sutil, camuflado, cordial e velado.

Estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo, são alguns aspectos dessa ideologia (CAVALLEIRO 1998 apud MUNANGA, 1996, p. 214-215).

Percebemos, portanto que realmente existe no Brasil, um racismo diferente daquele exercido no regime de *Apartheid* na África do Sul, e do racismo praticado nos EUA. Aqui, na maioria das vezes ele é sutil, ou seja, quase imperceptível, apesar disso, não faz menos vítimas do que aquele que é aberto.

Para muitos a questão da não violência significa que não há danos ou consequências tão quais irreparáveis se houvesse. Sabemos, porém, que esse tipo de agressão abala o emocional, principalmente quando se trata de crianças e adolescentes, já que tem a tendência de acreditar e interiorizar os insultos, incapazes de argumentar contra. Por passar despercebido pela maioria da sociedade ou mesmo ignorado, essa discriminação torna-se mais comum e passa a ser vista como natural, tanto para quem a pratica quanto para quem é

⁴O conceito de miscigenação se relaciona diretamente com as origens do povo brasileiro. Seria o processo genético-cultural de cruzamento de etnias, raças e culturas. Produzindo assim um povo miscigenado, no caso do Brasil resultado do cruzamento de negros, brancos e índios. [...] O Brasil, enquanto uma nação “mestiça”, resultante, entre outras coisas, dos contatos e intercursos sexuais entre o português e as mulheres negras e indígenas, construiu-se alicerçado na violência sexual contra essas mulheres e não somente em relacionamentos amistosos entre as raças [...] (GOMES, 2005, p. 59).

discriminado, contudo, isso não ameniza a situação, nem a torna menos danosa para ambas as partes.

A aparente ausência de racismo ou seu encobrimento inviabiliza a possibilidade da vítima se defender, como sugere a fala a seguir que ressalta que o racismo se associa a um tipo de agressão emocional (ABROMOVAY e CASTRO, 2006).

Todas essas ideologias: da democracia racial e inexistência do racista exime de certa forma a responsabilidade de todos pelos problemas sociais em que a população negra está inserida. Infelizmente, estes são muitas vezes culpabilizados por se encontrarem em vulnerabilidade, porque de alguma forma não se esforçaram ou se empenharam para mudar de vida.

“Muitas vezes o brasileiro chega a dizer ao negro que reage: "você que é complexado, o problema está na sua cabeça". Ele rejeita a culpa e coloca na própria vítima. Já ouviu falar de crime perfeito? Nosso racismo é um crime perfeito, porque a própria vítima é que é responsável pelo seu racismo, quem comentou não tem nenhum problema (MUNANGA, 2011, 05).”

Isso demonstra a expectativa sempre de submissão do(a) negro(a) quanto ao branco(a), revelando que quando essa situação é quebrada atribui-se a culpa para ele, como forma de justificar. Toda essa situação gera um autoconceito negativo, tomando como uma verdade para si próprio, no caso das crianças isso é aprendido concomitante com sua formação e reflete em sua vida adulta.

1.2. A ESCOLA

A escola é um ambiente preparado especialmente para a aprendizagem, onde se unem estudantes com um único objetivo: aprender. “No entanto, à escola foi atribuído papéis além desses, como de formar não só alunos(as), mas cidadãos(ãs)(cientes de seus direitos e deveres) críticos, capazes de conviver em uma sociedade” (CAVALLEIRO, 1998).

Considerando que o Brasil é constituído por várias culturas, a escola possui a função de contribuir positivamente nas relações do estudante na sociedade envolvente e também no próprio espaço escolar. Para tanto é preciso considerar as diversas características dessa sociedade, neste caso estamos evidenciando a diversidade cultural e a sua relação com as desigualdades socioeconômicas. Assim, não podemos abster as questões raciais do ambiente escolar. É imprescindível tratar de conceitos como: racismo, preconceito, discriminação, raça, identidade, intolerância, estereótipo, etnia, diversidade, cultura, miscigenação e

etnocentrismo. No entanto muitos se posicionam contrários à inserção de uma educação que discuta tais assuntos. Segundo a autora Nilma Lino Gomes (2005, p. 146)

Ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a idéia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana.

Isso mostra como as pessoas, sejam elas educadores ou não, acreditam que a escola tem a função somente de repassar conteúdos, transmitir informações, como se isto tivesse ou pudessem ser trabalhados de forma separada da realidade social que o(a) aluno(a), ou a sociedade inteira vive. Muitos atribuem à responsabilidade de tratar de assuntos relativos às relações raciais à família, já que é ela o primeiro meio social do qual a criança está inserida.

No entanto, é interessante indagar os papéis de ambas na formação do estudante, que hoje muitas vezes se confundem sobre isso a pesquisadora Eliane dos Santos Cavalleiro afirma:

Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se entende esse desenvolvimento sendo realizado unicamente pelo grupo familiar. Afinal, juntas, escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo. Não se pode valorizar a escola em oposição à educação familiar e vice-versa. Ambas desempenham funções de profunda importância (1998, p. 15).

É comum a referência de que na escola todos são tratados como iguais, porém, é preciso observar a qualidade das relações nesse espaço: entre alunos(as) professores(as), gestores(as) (direção e coordenações) e funcionários(as). Na maioria das vezes, a escola não está necessariamente atenta à importância da discussão étnico-racial e de como o desempenho escolar está diretamente ligado com a estabilidade emocional e psicológica do(a) aluno(a). Por vez essa escola e seus agentes, os profissionais da educação em geral, têm demonstrado omissão quanto ao dever de respeitar a diversidade racial e reconhecer com dignidade as crianças e a juventude negra (CAVALLEIRO, 2005).

Atividades de mobilização contra qualquer tipo de discriminação deve ser questão de primeira ordem no ambiente escolar, além do quadro de professores(as) e funcionários(as) procurar formas de detectar sutis manifestações entre os alunos(as) e lutar contra isso. Afinal, a omissão sobre essa questão e o silêncio sobre esse tema impede que existam boas relações e passa a ideia de que realmente o racismo não existe e que não falar sobre isso é não tocar na ferida, ou seja, perpetua a situação ideológica atual. O questionamento sobre esses assuntos seja na sala de aula, no pátio ou no livro didático, não é incentivar os estudantes a praticar

atos discriminatórios, é expor a dor de muitos que sofrem sem respostas, é resgatar a história de luta de um povo que constitui boa parte da nossa população.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas (MUNANGA, 2005, p. 16).

Então, pode-se entender que o descuido com as relações raciais quer na família ou na escola contribui para a formação de indivíduos egocêntricos⁵ que acreditam na existência de seres melhores e piores de acordo com a sua cor. No entanto, a escola assume o lugar onde a criança pode aprender os conteúdos escolares correlacionado com a história e construção do seu povo, fazendo assim com que o estudante entenda conseqüentemente sobre si próprio e sobre os outros a sua volta.

1.2.1. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e a Educação para Relações Étnico-raciais (Lei 10.639/2003)

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) (BRASIL, 1996) é a legislação que rege o sistema educacional público e privado (desde educação básica ao ensino superior) de todo território nacional. Esta também é conhecida como Lei Darcy Ribeiro (lei nº 9394/1996) (BRASIL, 1996), uma homenagem para este grande político e educador brasileiro que também foi um dos formuladores.

A primeira lei de diretrizes e bases foi promulgada em 1961 (lei n.º 4024/61) (BRASIL, 1961) e a atual em 1996 (lei n.º 9394/96) (BRASIL, 1996), que ratifica o direito à educação, garantido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Diante de um longo debate e lutas do movimento social negro, em 9 de janeiro de 2003 o Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) (anexo 1) que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira em todas as unidades de ensino pública e privada de ensino fundamental e médio. Tem o objetivo de inserir nos conteúdos escolares o estudo sobre a luta dos negros, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, além de resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

⁵Que se refere ao ego, ao eu. Ser egocêntrico constitui-se em uma exaltação do indivíduo na própria personalidade, considerando-o como centro, se colocando sempre a favor dos seus interesses.

A obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares é uma conquista e um grande avanço para as questões raciais no nosso país, no entanto ainda há muito que discutir sobre esse assunto:

- Como o negro está sendo retratado pelos(as) educadores(as)?
- De que forma se referem à África?
- Como se relacionam a cultura afro-brasileira e a sua contribuição na formação do povo brasileiro?

Haveria, portanto, antes de tudo ter que haver uma consciência política e histórica quanto à diversidade por parte dos docentes, ou seja, ter-se em mente que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, com cultura e história próprias. Além do fortalecimento de identidades e de direitos, rompendo com imagens negativas contra negros(as), ampliando o acesso a informações (SILVA, 2006, p. 241).

O objetivo principal da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) é tentar mostrar uma resposta para a educação, no sentido de valorizar a população brasileira, através do estudo de sua história e cultura, buscando assim, lutar contra discriminações e racismo.

Percebemos, portanto, a necessidade de uma produção de conhecimentos por parte dos(as) professores(as) referentes aos valores que contribuam para orgulho e pertencimento étnico-racial. Tendo em vista que trabalhar a questão racial na escola e especificamente na sala de aula está relacionado em ir além dos direitos humanos, buscando diálogos a respeito das diferenças e das individualidades. Além dessa questão, está relacionada à forma como os conteúdos referentes à História e a Cultura Afro-brasileiras são abordados, isso quer dizer que a maioria dos(das) educadores(as) se direcionam aos negros(as), enfatizando os mal tratos, sem ressaltar sua história de luta, de resistência e do desejo pela liberdade.

Não bastaria assim, quando se ensina nas escolas a história dos afrodescendentes, falar dos escravos como vítimas, mas haveria que ressaltar as histórias de resistências, as lutas por liberdade e as contribuições político-culturais dos povos negros. Ou seja, uma educação integral e inclusiva não apenas combate formas racistas e preconceituosas, ou se tocaia em tolerâncias, mas se joga em aprender, interagir, dialogar com os outros, enriquecendo o conceito de identidade para além das diferenças (CASTRO e ABRAMOVAY, 2006, p. 35).

Podemos, portanto, afirmar que a inclusão do debate sobre raça na escola, além, de uma forma de reconhecimento do papel do negro na sociedade atual brasileira, é uma forma de reparação com os afrodescendentes referentes ao passado de escravidão.

CAPÍTULO 2. DISCRIMINAÇÃO RACIAL E A DIVERSIDADE NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES DE ARAGUAÍNA-TO

Analisar as relações dentro da escola é muito importante, pois são refletidas diretamente no rendimento profissional dos(das) professores(as) e no desempenho dos(das) estudantes. Para que o ambiente escolar possa ser um lugar agradável, é necessário que existam boas relações entre funcionários(as) e com os alunos(as), pois se uma dessas relações não estiver equilibrada, o processo ensino-aprendizagem pode ser prejudicado.

Dessa forma, este capítulo tem o intuito principal de analisar as relações entre professores(as) e estudantes no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, frente à diversidade presente. Será discutida a relevância das relações raciais construídas dentro da escola, sua influência no processo ensino-aprendizagem e alguns condicionantes nesse processo. Para isso, foram realizadas entrevistas com professores(as) na escola campo, além de questionários com os(as) discentes, buscando a autenticidade nas respostas. O principal objetivo foi identificar a partir dos discursos as percepções sobre as relações raciais, desempenho escolar, a presença do racismo e como a escola lida com tais questões.

Ao todo foram realizadas 05 entrevistas individuais com os(as) professores(as) das ciências humanas (Geografia e História). E 80 questionários com os(as) estudantes das 3ª séries do Ensino Médio, incluindo os questionários aplicados na oficina intitulada “Discutindo identidade na escola” (Tabela 01), além de relatos que foram expressos pelos(as) estudantes durante a Oficina. As entrevistas foram feitas de forma semiestruturada, ou seja, com um roteiro, uma pauta, no entanto, mantendo a possibilidade de que os(as) entrevistados(as) expressassem livremente suas opiniões e depoimentos, de forma que quase não foram interrompidos. A interrupção ocorreu somente para que fosse evitada a fuga do tema, cuidando sempre pela espontaneidade das respostas.

Tabela 01: Quantidade de entrevistas e questionários com alunos(as) e professores(as) 2017

Instrumentos e grupos analisados		
Entrevistas com professores	Questionários com alunos(as) das 3ª séries	Questionários com alunos(as) da oficina: Discutindo identidade na escola
05	57	23

Fonte: Dados primários da pesquisa
Elaboração: SILVA, 2017

Nesta parte as relações sociais na escola estão agrupadas em dois grupos, considerando como se dão as relações entre os(as) alunos(as) e as relações dos(das) alunos(as) com os(as) professores(as).

2.1 RELAÇÕES RACIAIS ENTRE ALUNOS(AS)

A relação estabelecida entre alunos(as) são mais profundas comparadas com as que eles estabelecem com professores(as) e funcionários(as). Assim, as relações de alunos(as) vão muito além da escola, os laços ultrapassam as paredes da unidade escolar, fazendo com que o estudante demonstre mais intimidade. Existem alguns condicionantes determinantes nessas relações, como gostos comuns, idade e gênero. Queremos, portanto, indagar aqui, a influência da raça nesse processo de relações: até que ponto a questão racial pode de alguma forma interferir no relacionamento dos(as) alunos(as) e sua influência dentro da escola.

Na escola é comum formar-se grupos, seja por afinidade, por atividades que realizam em comum etc. Por outro lado, a questão racial também pode ser determinante nesse processo. No entanto, “[...] é muito complexo falar que a cor determina o grupo de amizade [...]”, como expressa uma professora parda. Assim, percebemos que os motivos pela formação de grupos, podem variar e na maioria das vezes não está diretamente ligada à raça.

Porém, não se extingue aqui a possibilidade de existir grupos predominantemente de negros ou brancos, como declara esta professora, ao dizer que “[...] é comum ver grupos que se identificam pela cor formarem seus laços de amizade dentro da escola, no ambiente escolar. Mas isso não é algo, digamos que rotineiro [...]”. Verificamos que esta se contradiz ao dizer que é comum formar-se grupos e logo depois diz que não é rotineiro. Percebemos, assim que a escolha com quem se relacionar de forma mais íntima pelos(pelas) alunos(as) é concebível que seja influenciada pela preferência de cor.

Isso acontece, por que as amizades são condicionadas por pressões sociais da sociedade da qual estamos inseridos, é majoritariamente racista. Em que estabelecer uma relação mais íntima com um negro pode significar algo ruim, ou interferir nas relações com os outros colegas. [...] Ser branco é comumente associado no imaginário dos alunos a referências positivas, enquanto ser portador de tez preta ou parda é associado a referências negativas desumanizadoras (CASTRO e ABRAMOVAY, 2006). Afinal, “o adolescente ele é[...] no meu ponto, de vista é totalmente influenciável pelos mecanismos midiáticos, se internalizou

que o branco é mais bonito, que o cabelo liso é mais bonito, [...] ainda existe essa internalização, de que o negro é menos bonito”(Professor auto declarado pardo).

Um condicionante importante é a aproximação dos(das) colegas ao negro apenas quando se busca algum benefício, como é verificado na fala do professor: *“Tem um primeiro ano que tem um menino negro, que ele é muito bom de ciências exatas, tanto é que o pessoal gruda nele, sabe? O pessoal gruda nele[...]”*. E no final sente a necessidade de dizer que a cor não interfere nos laços de amizades entre os(as) alunos(as), mas que: *“Nessa questão do aluno é mais uma questão da auto-estima do aluno, independente se ele é negro ou não.”*

Um aspecto importante que surgiu para nos ajudar a entender as relações raciais entre alunos(as), foi as formações de laços de namoro na unidade escolar. O namoro, ou a constituição de flertes, é permitido na maioria das escolas, no entanto, o controle é forte. Dessa forma, não foi observado muitas paqueras ou maiores demonstrações, quando acontecem, os casais apenas ficam juntos, sem muitos toques.

Diante disso, uma pergunta do questionário foi sobre as intenções de preferência a cor entre eles: *“você ficaria/namoraria um(a) garoto(a) negro(a)?”*. As opções de respostas eram: *“Não, prefiro brancos(as); Sim, prefiro negros(as); Ficaria/namoraria com qualquer um, não tenho preferência por cor”*. Todos os estudantes analisados responderam por unanimidade que não possuem preferência quanto a cor. *“Eu namoraria com qualquer um, o sentimento é o que importa. Eu não vou escolher pela cor da pessoa, (eu não trocaria) [...] o amor que eu ia sentir, por conta da cor da pele. O que importa é o que agente sente um pelo outro.”* Como afirma uma aluna auto declarada negra.

No entanto, foi percebido que durante a aplicação dos questionários, os discentes demonstraram dúvida ou receio ao responder. Como a fala percebida de um aluno branco: *“[...] Ah, eu gosto mais de meninas brancas, mas isso não é racismo... não, isso não é racismo, é questão de gosto.”* Representando dessa forma, a divergência ao responder. Isso nos leva a pensar a respeito da necessidade que os estudantes demonstram em firmar-se como não pré-conceituosos. Um professor confessa: *“Na hora do namoro, realmente isso acontece, o menino tem medo do que os colegas vão falar, quando ele fica com uma menina negra.”*

Diante do exposto, fica claro que a questão racial ainda é um condicionante nas relações estabelecidas entre alguns(algumas) alunos(as) no ambiente escolar e que, portanto, estes não conseguem enxergar as diferenças como algo normal.

2.1.1. A fala dos(das) alunos(as) sobre relações raciais

Os estudantes analisados demonstram entender o significado de práticas racistas, identificado ao dizerem, que este “[...] é uma discriminação por ter cabelo cacheado ou crespo, ou a cor mais escura [...]”, ou que “[...] é triste, por que vivemos em uma sociedade padronizada, ou seja, se você não se veste de tal jeito... se o seu cabelo não for liso, se os seus olhos não forem verdes... então o triste é que o negro vai ser sempre discriminado [...]” Essas são falas de uma aluna auto declarada negra. Confirmando que a maioria concorda também que este é algo ruim, ou mesmo “feio”, como diz outra aluna negra: “[...] Racismo pra mim, é tipo um ato de discriminação. As pessoas discriminam por conta da cor, raça. As vezes eu fico pensando assim, que é muito feio isso...Eu acho a discriminação muito feia por que o que importa não é a cor da pele, isso não quer dizer nada[...].” É certo afirmar também, que os(as) alunos(as) concordam que o racismo existe: “O lugar que mais existe racismo é no Brasil.”

Destacamos aqui, portanto, um ponto positivo já que o primeiro passo para a eliminação do racismo é admitir a existência deste. No entanto, a maioria dos(das) alunos(as) quando questionados em público ou pessoalmente declara que não viu ou sofreu racismo na escola. E que a escola é concebida como um lugar de igualdade, em que todos são tratados como iguais: “Tudim é tratado como igual, não tem esse negócio de cor, de diferença de raça, alguma coisa assim [...]” (Aluno auto declarado negro). O que acontece, no entanto, é uma contrariedade nas respostas, uma vez que ao responder os questionários, cerca de 60% apontaram o oposto (Tabela 02). Nessa situação pode ser entendida que os(as) alunos(as) sentem vergonha ou receio em afirmar que o racismo existe no seu meio de convivência, porém ao responder o questionário, onde não precisam se identificar, se sentem mais a vontade para responder.

Tabela 02: Proporção de alunos que já presenciaram e/ou sofreram racismo/discriminação racial na escola ou não por turmas, oficina e total geral*

Turmas e oficina	Alunos(as) que responderam sim	Alunos(as) que responderam não	Não responderam
33.01	76,2%	23,8%	0%
33.02	64,7%	35,3%	0%
33.03	63,1%	36,9%	0%
Oficina	43,5%	47,8%	8,7%
Total geral	61,3%	36,2%	2,5%

*Pergunta feita: Você já sofreu ou presenciou algum ato de racismo e/ou discriminação racial na escola?

Fonte: Dados primários da pesquisa

Elaboração: SILVA, 2017

Os argumentos contra a presença do racismo entre alunos(as)na maioria das vezes giram em torno de duas ideias. A primeira é de que o racista sempre é o outro. Acreditam que o racismo existe e que este é prejudicial, mas ele só acontece em outro lugar, fora do seu espaço de convivência, não na própria escola ou turma, negando assim, a convivência com tais práticas. A segunda é que o racismo não se manifesta claramente ou mesmo é passado despercebido, podendo assim, ser considerado como ausente.

Existem alguns meios pelos quais o racismo na relação entre alunos(as) se manifesta sob esse discurso anti-racista que oculta o contraditório. Como exemplo, temos a afirmação segundo um aluno pardo, ao dizer que “[...] o racismo [...] (existe) de várias formas, tanto escondido, como abertamente. Mas assim, fechado há mais do que abertamente. O racismo aberto, ele acontece mais com duas pessoas, num local, sozinhos, conversando, discriminando a pessoa. O aberto, não, por exemplo, aqui na escola[...] é um local aberto.” Ele expressa sua opinião, mesmo depois de ser esclarecido quanto ao racismo “sutil” e o “escancarado”. Percebemos pela sua fala que um dos motivos descritos por ele de que as discriminações raciais não acontecem na escola, é por ela ser um ambiente público, ou seja, quando alguém discrimina o outro, este está sujeito ao julgamento de terceiros. E quando está apenas com a vítima, não há tanto riscos, ou testemunhas. Um outro aluno complementa: “[...] por que racismo, todo mundo sabe que é um crime, né?”

2.1.2. A hierarquia nos apelidos e brincadeiras

As expressões, frases, piadinhas e apelidos alusivos a cor, ou voltados para as pessoas negras é algo costumeiro em nossa sociedade. E na escola, esse tipo de manifestação de racismo, é na maioria das vezes confundido como *bullying*, como diz uma professora negra: “O *bullying* é forte. Tem uns que aceitam, outros que não aceitam.” Ela ainda diz que a reação é diferente por parte das vítimas. [...] A cor negra está sempre relacionada a coisas ruins e pode fazer com que o aluno internalize essa representação negativa e tende a não gostar de si mesmo e dos outros que parecem com ele (SILVA, 2005). Além disso, os cabelos crespos são associados como “ruim”, tanto pela família e depois pelos colegas na escola, que é por eles um alvo de diversos apelidos.

Alguns(algumas) alunos(as) relataram situações que ocorreram com o outro colega: “Pessoas chamando o menino de macaco” (aluno pardo). “Chamaram um amigo meu de *neguinho*” (aluno pardo). “Estava havendo uma discussão e um aluno negro levantou-se pra pedir pra pararem e um dos que discutia xingou de macaco, e que ele não tinha direito

pra abrir a boca” (aluna parda). Chamar os colegas negros(as) de macaco é muito recorrente. Esses apelidos pejorativos (Quadro 01) tem o objetivo de diminuir o outro e associá-lo a animais, na tentativa de arrancar sua humanidade.

Dissimulações, apelidos, xingamentos, ironias consolidam a perpetuação de preconceitos e discriminações raciais latentes. Situações nas quais estudantes negros(as) são tratados(as) por seus colegas e/ou professores(as) com termos preconceituosos e discriminatórios sinalizam a reiterada prática de investida contra a humanidade dos primeiros, numa tentativa de transformá-los em animais irracionais ou coisas, não sujeitos sociais: “urubu”, “macaco”, “picolé de asfalto”, “a coisa está preta”, “humor negro”, “carvãozinho”, “filhote de cruz-credo”, etc (MUNANGA, 2005, p. 13).

Uma aluna auto declarada branca apresenta a sua percepção ao ser perguntada se recebe apelidos relacionados a cor: *“sim, branquinha, mas achei legal, (pois) sou branca. Uns me chamam de branquinha e outros de pretinha como forma de carinho, eu não acho ruim, pois não tenho nenhum preconceito”.* Outra diz: *“Às vezes me chamam de branquela e amarela azeda, mas não me importo”* (Auto declarada parda). Essas situações nos trás a ideia de que não existe diferença nenhuma no tratamento entre estudantes, uma vez que ambos são discriminados racialmente e assim, não se pode dizer que os negros(as) são as principais vítimas de apelidos ou xingamentos que acontecem no ambiente escolar.

Não queremos aqui tornar irrelevante, ou mesmo negar a existência de discriminação racial entre discentes brancos, porém, diante da conjuntura da qual vivemos, essas situações nos parece apenas mais uma forma de mascarar o racismo existente, ou mesmo uma estratégia de excluir a responsabilidade pelos atos cometidos.

QUADRO 01 – Apelidos e xingamentos pelos quais os discentes negros (as) e brancos(as) são nomeados por seus colegas na escola*

Apelidos referidos aos negros	Apelidos referidos aos brancos
Pincho queimado	Branquelo(a) / Branquinho(o)
Macaco/Macaca	Branquelo(a) azedo(a)/Leite estragado
Cabelo duro/ Cabelo ruim	
Negão/Negona	
Fumaça/Carvão	
Neguinho(a)	
Pretinho(a)	

*Pergunta feita: E quanto aos apelidos, já recebeu algum relacionado à sua cor? Qual foi sua reação?

Fonte: Dados primários da pesquisa

Elaboração: SILVA, 2017

O uso de apelidos entre os(as) alunos(as) está na maioria das vezes associado ao grau de intimidade e podem ser entendidos como ofensivos ou não por eles(elas). Alguns estudantes disseram ao serem perguntados sobre apelidos: *“leveí na brincadeira”*, *“não fiquei com raiva, leveí na brincadeira”* (aluno auto declarado negro) ou *“Eu acheí graça e sorri, por que não tive outra reação”* (Aluna auto declarada parda). Vemos pela fala dos(das) alunos(as) que as atitudes racistas que acontecem no interior da sala ou no pátio não são levadas a sério. E o argumento de que é apenas uma brincadeira é muito recorrente. Essas atitudes são provocações, que normalmente são amenizadas por um sorriso e por fim acabam sendo consideradas como brincadeiras e não como realmente são “desrespeitos”.

Alguns alunos demonstram pelos relatos as reações que tiveram quanto aos apelidos: *“(Recebi) muitos, eu fiquei chateada”*, *“(Fiquei) mal e com raiva”* e *“Negrinha, pretinha (tive) reação de espanto.”* Deduzindo dessa forma, que quando demonstra reação, estas não passam de sentimentos particulares, silenciando dessa forma o mal-estar causado.

Outro aspecto importante foi o levantado por essa aluna negra: *“Me chamam de negra, mas é um apelido carinhoso, não me sinto ofendida”*. Essa postura de aceitação a apelidos é comum nas relações de amizade, uma vez que ser apelidado pode ser considerado como uma afirmação de identidade, ou mesmo, como afirma Abramovay e Castro:

A rejeição ao ato de ser nominalmente reduzido a uma referência à cor da pele por brincadeira de colegas pode ser interpretada por outros alunos como antipatia e falta de consideração à amizade dedicada. Resistir ao apelido é não aceitar que a sua relação de intimidade com o outro aluno dê espaço suficiente para “brincar” com a dimensão racial presente na interação. Esse tipo de comportamento pode ser entendido como um bloqueio à aproximação mais íntima ou fraterna. Em várias das situações observadas, para que o aluno negro possa sinalizar adequadamente que está disposto a ser amigo de um outro aluno é necessário permitir ser apelidado com termos que irão chamar atenção à inscrição racial. (2006, p. 197)

Dessa forma, percebemos como é estabelecida a influencia dos apelidos nas relações raciais. Existe uma hierarquia percebida pelos(pelas) alunos(as) quanto a negros(as) e brancos(as), já que existe uma valorização diferente de cada grupo. Isso foi percebido pela divisão de demonstrações de carinho, raiva, afeto ou xingamentos entre eles.

2.1.3. Estratégias de enfrentamento ao racismo entre estudantes

É certo que a existência do racismo na escola causanos indivíduos negros(as) muitas consequências, como baixa auto-estima, uma vez que o adolescente cria em si, uma não aceitação, afinal, seu fenótipo está sempre a associado a algo ruim. [...] As denominações e associações negativas em relação à cor preta podem levar as crianças negras, por associação, a

sentirem horror à sua pele negra [...] (SILVA, 2005). Timidez e pouca ou nenhuma participação em sala de aula. Recusa em ir para a escola, logo maior evasão entre eles. Sentimento de inferioridade ou de incapacidade.

Essas atitudes também podem ser entendidas como formas de enfrentamento ao racismo. Além dessas podemos citar: a negação da negritude, buscando muitas vezes no gradiente da cor, alguma mais clara para se auto-identificar e/ou ser aceito pelo outro. Há também exemplos de alunos(as) negros(as) que recorrem à agressividade contra seus colegas, diante de situações racistas, como supõe uma aluna negra ao negar ter sofrido racismo na escola: *“(Se eu sofresse) já ia partir pra agressão. Nossa, eu sou muito[...]”*.

Uma professora negra ao ser entrevistada usou seu próprio exemplo como forma de assegurar que a timidez é uma forma de enfrentamento, ao recordar seu tempo escolar: *“Agora voltando ao meu tempo de estudante eu era tímida e tinha umas professoras que pensavam que eu era burra, por que eu não me expressava. Eu não me expressava porque na minha escola eu era assim, a ‘negra’ da sala. Então quando eu comecei me expressar eu fui muito criticada, quando eu me expressava bem fui muito criticada, foi tanto que eu me retrai [...]”* Complementa ao dizer: *“Eu vi isso se repetir nas minhas filhas”*.

No entanto, a maioria dos(as) professores(as) entrevistados(as) diz não perceber nenhuma diferenciação quanto ao desenvolvimento em sala de aula de alunos(as) negros(as) ou brancos(as): *“Eu acredito que o aluno negro em relação à timidez[...] a timidez é uma característica que não posso dizer que ela está ligada a cor da pele. É uma característica pessoal, individual. Pelo menos, os meus alunos negros, eles nunca, (exceto em) raras exceções eles demonstram timidez. E quando esse aluno demonstra essa timidez em se expor, em participar, em envolver (se) cabe ao professor ter a sensibilidade de perceber que essa timidez é por falta de autoconfiança (e) não por incompetência”* (professora parda). Como ela, outros(as) professores(as) dizem que o motivo da timidez é a auto-confiança, no entanto quando esta era seguida de outra pergunta: *“Você não acha que a auto-estima está relacionada de alguma forma a discriminação ou racismo sofrido?”* Alguns mudaram de assunto.

Destacamos ainda a percepção de que a timidez, ou qualquer problema é individual do(a) aluno(a), negando a responsabilidade de todo o corpo escolar. Claro que esse discurso não é de todos, quando esta professora afirma: *“deve ser trabalhada essa auto-estima do aluno pelo professor, não deve ser passada despercebida. E o professor deve incentivar esse aluno a participar, a mostrar suas competências, a se envolver e a expor suas idéias”* (professora auto declarada parda).

Os estudantes vítimas dessas práticas tendem a se isolar ou se calar, porque não encontram na escola ou nos(nas) professores(as) o apoio de que precisam. Perceber e tentar atenuar essas situações, ver a diferença, a diversidade como algo interessante e enriquecedor, não é incentivar a desigualdade, pelo contrário é o início para a construção de uma sociedade receptiva a diversidade.

2.2 RELAÇÕES RACIAIS ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

As relações estabelecidas entre professores(as) e alunos(as), ou mesmo todas as relações na escola, de uma forma geral devem estar equilibradas, de forma que se isso não acontecer, todo o relacionamento fica comprometido. Afinal, o bom relacionamento do(a) professor(a) com o(a) aluno(a) na sala de aula é de suma importância para o ensino aprendizagem. Enfim, o docente e o discente convivem num espaço que, muitas vezes, pode não ser tão atrativo estruturalmente e enfrentar problemas de relacionamento, pode ser mais um obstáculo nesse processo.

Portanto, para que a escola seja um ambiente agradável e adequado ao ensino é primordial ser mantido um bom relacionamento, também é necessário entender e respeitar as diferenças de todas as pessoas. Dessa forma, aqui são discutidos alguns pontos referentes a o papel que o(a) professor(a) dá a si mesmo e sua fala sobre as relações raciais firmada entre eles e alunos(as), estabelecida na sala de aula.

2.2.1. A fala dos docentes sobre as relações raciais

Dentro da escola nos deparamos com grande diversidade racial e também com pensamentos e atitudes distintas. O(A) professor(a) deve, portanto, vir a escola preparado para lidar com tal diversidade. “[...] Também é papel do professor fazer com que seus alunos enxerguem essas diferenças e aprendam a conviver com elas de forma harmoniosa e respeitosa” (FRESCHI e FRESCHI, 2013).

A partir disso, é preciso ser pensado qual a percepção dos(as) professores(as) com as questões raciais. Assim, um professor pardo identifica o racismo remetendo-se a história do Brasil: *“O racismo é uma consequência do etnocentrismo que foi implantado a partir das grandes navegações. O europeu tinha a necessidade de se afirmar como superior pra justificar a exploração colonial, pra justificar tanta violência contra os povos pré-*

colombianos, povo indígena e povo afro. Eles precisavam criar uma ideologia de superioridade, então é aí que se insere o racismo.”(Professor pardo de história). Uma professora parda fala sobre o racismo brevemente: “O racismo é[...] eu vejo o racismo[...] é olhar o outro principalmente referindo (se) a cor da pele; Como discriminação com olhar de diminuir e desvalorizar”.Nos deparamos, porém, com uma professora negra, que sentiu muita dificuldade, ao responder: “O racismo é a não acei (aceitação)[...] como é que eu vou definir racismo[...] Eu não sei te definir o que é racismo não[...]” Depois de algum tempo, respondeu: “É uma forma como a pessoa acha por bem se auto valorizar e diminuir os outros[...] pela cor. É assim que eu vejo o racismo.”

Frente às entrevistas é claro que todos(todas) os(as) professores(as) entrevistados(as) entendem ou associam o racismo a atos de discriminação contra o outro fundamentado na sua cor. Porém, a maioria também nega a manifestação desses atos dentro da escola: *“O racismo ele existe em qualquer grupo humano, no Brasil principalmente. Mas, especificamente presenciar a prática do racismo, nunca presenciei. E se presenciasse [...] tomaria as medidas cabíveis pra que não se repetisse. E aquele que sofreu, ou que sofre o racismo passasse a ter consciência e se defender ou como se portar diante de uma situação de racismo”* fala de uma professora auto declarada parda.

Uma professora negra diz meio receosa que já foi vítima de discriminação racial: *“Comigo própria (já aconteceu) [...]”* Porém, não descreve nem entra em detalhes do ocorrido. Complementa dizendo, que o racismo se manifesta claramente, porém os que demonstram reconhecer a existência são os negros. *“Esse preconceito principalmente da questão étnico-racial ele existe as claras. As vezes as pessoas tentam dizer que não tá criticando, quando agente vai assim [...] eles falam de modo subentendido, mas agente entende. Nós negros captamos que estão criticando nós no ato, as vezes agente deixa passar, porque agente não vai viver brigando com o mundo.”* Podemos perceber pela sua fala, o sentimento de impotência demonstrado por parte da professora ante aos atos sofridos. O que nos leva a refletir, sobre as crianças e adolescentes que na maioria das vezes não encontram apoio dentro da escola e suportam no silêncio tais situações.

Os(As) professores(as) foram perguntados sobre sua opinião a respeito da Lei n.º 10.639 e todos os entrevistados disseram ser a favor, como observa esta professora auto declarada parda, que entende perfeitamente o objetivo da lei: *“A lei ela vem reforçar a necessidade de se estudar especificamente sobre a população brasileira, que temos aí um auto índice de pessoas com a etnia negra. Apesar de o Brasil (ser) um país que tem várias etnias, então a Lei vem ajudar a compreender a composição, entender como foi a formação*

sócio-histórica da população brasileira, perceber através do estudo dessa lei, que o próprio jovem se percebe nessa inserção. (A lei) oportuniza mostrar os avanços quando se trata de educação, trabalho na sociedade, e (que) esses avanços são resultados de lutas, lutas políticas e identitárias.” A professora reforça: “ *Se faz necessária a aplicação da lei 10.639”*.”

Ante as entrevistas maioria dos docentes demonstram entender o que são atos de preconceitos e discriminações raciais, no entanto, a maioria parece não ser capaz de percebê-los dentro da escola. Os(As) professor(as) deve ter em si a sensibilidade de perceber até que ponto essas questões interferem na capacidade de desenvolvimento do aluno, já que o docente cuida da aprendizagem e não somente dá aula. Dessa forma, no sentido de cuidador, ele deve ser atento aos comportamentos dos seus alunos cotidianamente dentro da sala de aula e ser capaz de interferir no sentido de realizar mudanças.

2.2.2. O que fazem os docentes da escola campo?

A escola possui um papel importante no combate ao racismo. E qual o papel do(a) professor(a)? Ele tem alguma responsabilidade na superação do racismo? Afinal, é sabido que:

Crianças, adolescentes e jovens, negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os(as) estudantes (ROCHA e TRINDADE, 2006, p. 71).

Para isso, é preciso entender mais sobre a história e cultura afro-brasileira, sobre isso, um professor pardo expressa sua opinião: “*Eu acho que a primeira coisa é o professor estudar sobre o assunto, tem que buscar informações. O professor, eu sempre falo isso, o professor ele tem que tomar até um certo cuidado[...]”*. Alerta ainda que quando o docente não se polícia, pode de alguma forma, reproduzir e dessa forma incentivar atos racistas: “*Porque muitas vezes no espaço escolar, ele reproduz o preconceito. E o professor ele tem que ir além do senso comum, o professor ele reproduz o senso comum.*” Isso deve-se ao fato de nossa sociedade ainda ter enraizado, na maioria das vezes, na própria linguagem, expressões, gírias, algumas opiniões preconceituosas contra os(as) negros(as), e o(a) professor(a) deve, antes de tudo superar tais opiniões.

Uma das perguntas direcionadas aos(as) professores(as) era se estes se achavam preparados para lidar com uma situação de racismo/discriminação em sua sala de aula, e que se, portanto acontecesse, como agiriam. A maioria afirmou que se sente preparado, como a seguir: *“Minha personalidade de história me permite isso. Se houvesse essa atitude, eu pararia a aula, dependendo do conteúdo [...] eu não ia mais aplicar conteúdo, eu ia falar sobre o assunto, não de uma forma talvez direcionada, dependendo também da situação, de tirar o aluno agressor da sala de aula, ou preparar para uma próxima aula. Talvez se eu fosse falar no momento poderia deixar o agressor constrangido, a intenção não é essa, eles são menores de idade, tem seus direitos”* (Professor auto declarado pardo).

Uma professora apresenta uma opinião: *“Sim (me sinto preparada). (No) primeiro momento seria interessante fazer o registro, não se pode passar. Fazer o registro do ato, quem praticou, quem sofreu, se foi no ambiente (durante) a aula, o que propiciou, o que levou a essa demonstração de racismo e propiciar um momento de diálogo, de discussões, primeiramente com os envolvidos no ato e depois estender a todos, porque é um momento que não pode ser [...]deixar passar, ser indiferente. Ver nesse momento uma oportunidade de discutir sobre o assunto e fazer com que todos percebam como é ruim o racismo, como é ruim a discriminação.”* A atitude desta docente nos mostra bastante adequada, pois o diálogo e a discussão ainda se apresenta como principal meio de combate ao racismo.

Porém, uma professora negra demonstrou uma reação diferente, ao dizer que não consegue agir ante uma situação racista: *“Estou encerrando minha carreira de profissão, (mas) eu sou muito magoada, até hoje eu não sei lidar com a situação, eu tento, mas não sei lidar. Eu fico muito furiosa, eu me zango, me retraio, não dou conta. Porque isso é uma experiência de vida, sofrida (durante) muitos anos. Na minha época em que era criança, adolescente, jovem, o racismo era assim muito exposto as claras, então ficou muito arraigado em mim a mágoa.”* O principal motivo apresentado por ela, são as marcas deixadas pela discriminação sofrida, uma vez que esta a deixa insegura e ao mesmo tempo, quando presencia algo parecido, relembra dos atos sofridos por ela, trazendo a tona, muitos sentimentos.

Uma professora parda, explica *“Não somente, na realidade todo o conjunto, a escola, o professor, a pessoa que trabalha na portaria, todos que estão inseridos devem combater o racismo. E como fazer isso? Propiciar um ambiente de diálogo, de discussões sobre essa questão do racismo, não ser indiferente. Oportunizar que o aluno fale e nessas falas é um momento de reflexão: até que ponto pratica-se o racismo, sofre-se o racismo, até que ponto*

precisa-se combater o racismo. Se combate ele (o racismo) com a discussão, com a reflexão, apontando as consequências.”

Como disse tal professora, não é só papel do docente. Sabemos que este já está atribuído de muitos papéis, assim, é complexo conceder responsabilidades ao professor, já que estes já enfrentam muitos desafios cotidianamente na escola. No entanto, não podemos fechar os olhos para essas questões, principalmente tratando-se de jovens, pois é nessa fase que aumenta as inquietações frente aos problemas sociais que existem atualmente. Portanto, cabe ao professor e a todos os atores da escola, tecer uma olhar de inclusão, valorizando a diversidade existente. E o professor em particular deve fazer da sua sala de aula um ambiente de diálogo e tolerância.

2.2.3. Tratamento diferenciado

Dentro da sala de aula, o docente exerce um papel que vai além de dar aula, este deve fazer com que os(as) alunos(as) se sintam avontade para argumentar sem se sentirem constrangidos, além de estimulá-los para que se sintam envolvidos como uma parte ativa do processo de ensino aprendizagem. Também é função do(a) professor(a) ser um incentivador do desenvolvimento do(a) aluno(a). Dessa forma, suas atribuições são muito importantes, sendo assim como um(uma) ator(atriz) estratégico(a).

Diante disso, o docente não pode em nenhum momento demonstrar o favoritismo entre os(as) estudantes, ou tratá-los de forma diferente dentro da sala de aula. No entanto, os(as) alunos(as) percebem através do olhar de aprovação, do estímulo, dos elogios que os(as) docentes preferem alguns(algumas) colegas. Dessa forma, foi um dos objetivos da pesquisa perceber se os(as) estudantes analisados percebem essa diferenciação, ou se isto realmente não acontece. E se ocorre, esses(essas) alunos(as) são brancos ou negros? Assim, foi perguntado aos(as) estudantes se eles percebiam que os(as) professores(as) preferem ou se existe um tratamento diferenciado entre eles (Tabela 03).

Tabela 03: Proporção de alunos(as) que acham que os(as) professores(as) demonstram ter alguma preferência por colegas quanto a sua cor de pele por turmas e total geral*

Turmas	Preferência por alunos(as) negros(as)	Preferência por alunos(as) brancos(as)	Os professores não demonstram preferência
33.01	0%	15,8%	84,2%
33.02	0%	17,7%	82,3%
33.03	0%	23,8%	76,2%
Total geral	0%	19,3%	80,7%

*Pergunta feita: Você acha que os professores demonstram ter alguma preferência por algum colega, se a resposta for positiva, esses(as) alunos(as) são negros(as) ou brancos(as)?

Fonte: Dados primários da pesquisa

Elaboração: SILVA, 2017

Foi verificado que nas turmas analisadas, os(as) alunos(as) acreditam que os(as) professores(as) não demonstram nenhuma preferência pelos(pelas) alunos(as) negros(as). E cerca de 19% acham que os(as) docentes possuem preferência por colegas brancos. Uma aluna negra não hesita em dizer que em sua sala de aula, os(as) professores(as) demonstram preferência pelos(pelas) colegas brancos(as), descrita por ela como “puxar saco”.

Uma professora entrevistada diz: *“Agora ficou menos[...] porque na época que eu era criança o racismo era tão forte, tão as claras mesmo que eu tive uma professora que foi capaz de me dizer que não sabia por que negro estudava, ela me disse isso”* (Auto declarada negra). Demonstrando mais uma vez, que os(as) professores(as), principal incentivador(a), exerceu papel contrário nessa perspectiva. Isso pode ser explicado por que alguns(algumas) docentes associam a cor da pele a incapacidade intelectual, ou mesmo estão munidos de preconceito racial.

Segundo Silva (2005, p.26):

Existe por parte de muitos professores uma baixa expectativa em relação à capacidade dos alunos negros e pertencentes às classes populares. As origens dessa baixa expectativa podem estar na internalização da representação do negro como pouco inteligente, “burro”, nos meios de comunicação e materiais pedagógicos, um estereótipo criado para justificar a exclusão no processo produtivo pós-escravidão e ainda na atualidade.

Sabemos que essa visão pode desenvolver nos(nas) próprios(próprias) alunos(as) negros(as) o sentimento de incapacidade intelectual, fazendo com que eles acreditem que não podem desenvolver como os outros, diminuindo sua auto estima, conduzindo, assim ao desinteresse, ou receio em ir a escola e conseqüentemente a evasão escolar.

Cabe ao professor essa desconstrução do estereótipo de incompetência, além de demonstrar aos(as) seus(suas) alunos(as) que não existe em nenhum momento relação entre

cor de pele e capacidade intelectual. É necessário também considerar o conhecimento produzido por todos(todas) os(as) estudantes, incentivando dessa forma, elogiando e reafirmando a capacidade de todos seus alunos.

Fazer com que o estudante enxergue na escola um ambiente de respeito e motivação e se sinta bem é necessário, uma vez que, muitos alunos hoje em dia não encontram na família essa estrutura. Considerando também que grande parte dos professores também se encontra estressados e cansados, em prol de muitos problemas decorrentes na educação, é preciso pensar como são estabelecidas as relações na escola. Levando em consideração esse fatores, se o relacionamento não for agradável o ensino aprendizagem pode ficar comprometido. Diante disso, é preciso proporcionar na escola um ambiente propício para aprender, ensinar, ouvir e dialogar.

CAPÍTULO 03. A QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PIBID, A GEOGRAFIA E A IDENTIDADE

O PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) é um programa de incentivo e valorização da docência e de aprimoramento do processo de formação de professores para a educação básica, que promove a integração entre educação superior e educação básica. É vinculada a Diretoria de Educação Básica Presencial (DEB) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O programa aproxima a universidade da escola pública, de forma que os(as) licenciando(as) são inseridos no cotidiano escolar da rede pública, participando e criando novas experiências metodológicas como prática no ensino.

O subprojeto de Geografia é composto por 5(cinco) bolsistas de graduação, 1 (uma) supervisora e 1(uma) coordenadora de área. O subprojeto é desenvolvido desde março de 2014, inicialmente no Centro de Ensino Médio José Aluizio Silva Luz, onde em 2016 após readequação militarizou passando a denominar Colégio da Polícia Militar de Araguaína (CPM - Araguaína), acompanhando a supervisora a partir de agosto de 2016 o subprojeto foi transferido para o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, onde se desenvolve até o presente momento. Atualmente aplica-se o subprojeto contemplando o Programa Curricular do Estado do Tocantins e também, conforme as atividades extracurriculares previstas no Projeto Político Pedagógico da referida unidade de ensino.

Na maioria das vezes, a discriminação racial não é apenas uma prática, ou seja, verificada somente por evidências, mas podem ser consideradas omissões da unidade escolar que de alguma forma interfere no aprendizado do aluno(a) negro(a), além de intervir no seu processo de identidade e deixar marcas. Assim, verificamos o quanto é importante que os(as) agentes da escola se mostrem atentos(as) a essa questão. No entanto, sabemos que as questões raciais não são habitualmente discutidas na escola:

Na maioria das escolas em que a questão racial é tematizada, ela aparece como não prioritária. Mesmo naquelas que concentram uma quantidade significativa de alunos negros, ou que apresentam um amplo repertório de preconceito e discriminação racial em relação aos alunos negros, a questão racial não é tratada em projetos pedagógicos específicos (CASTRO e ABRAMOVAY, 2013, p. 333 e 334).

Quando pensamos em relações raciais na escola, sem dúvida também estamos falando de práticas discriminatórias e preconceituosas que ocorrem mais comumente entre os(as) alunos(as), mas também entre eles e os(as) professores(as) e que de uma forma ou de outra interfere no desempenho intelectual dos(as) estudantes. Assim focalizando essas questões e

qualquer tipo de discriminação que exerce alguma influência no desempenho escolar dos(as) discentes, o PIBID em parceria com a Unidade Escolar realizou ações com o objetivo de eliminar tais práticas e reafirmar a pluralidade Étnico-racial.

Dentre as ações realizadas ressalta-se as Oficinas em Comemoração a Semana da Consciência Negra e a Visita à Comunidade Quilombola Dona Juscelina (Muricilândia-TO), sucedidas em novembro e dezembro de 2016. As ações possuíam o objetivo principal de fomentar assuntos referentes ao combate à discriminação em sala de aula e a valorização da identidade negra (cor da pele e textura do cabelo). Constituindo, assim debates sobre racismo, tanto nos casos explícitos como na construção de uma consciência para o respeito à diversidade e para o entendimento da importância da cultura negra.

Dessa forma, esse capítulo tem o propósito de abordar propostas inovadoras realizadas na escola campo em parceria com o PIBID - subprojeto de Geografia da Universidade Federal do Tocantins. Essas atividades contemplam a ação 06 (seis) do PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Campo que se refere à pluralidade cultural: “[...] dada a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira a escola deverá combater o preconceito e a discriminação através do diálogo e vivências de sua cultura e do respeito às outras formas cultural [...]” (ARAGUAÍNA, 2016). Dessa forma essas ações podem também indicar caminhos a seguir para eliminação do racismo e discriminação no ambiente escolar. Também trás algumas considerações sobre a construção da identidade negra dos(das) estudantes, além de estabelecer uma importante relação entre a Geografia e as questões raciais, destacando a importância desses conceitos dentro da disciplina escolar.

3.1. TRABALHANDO COM A DIVERSIDADE: OFICINAS NA ESCOLA CAMPO

O PIBID subprojeto de Geografia em parceria com o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes realizou oficinas com estudantes do ensino fundamental e médio culminando com a Semana da Diversidade Cultural comemorada na Unidade escolar anualmente.

A dinâmica “Diálogos sobre preconceito e racismo entre alunos(as)” foi realizada nas dependências da escola campo com turmas do ensino fundamental e médio, respectivamente, em dois dias, assim, foram programadas com didáticas diferentes de acordo com as fases de ensino.

3.1.1. Oficina do Ensino Fundamental

Na oficina realizada no dia 22/11/16, no período vespertino, foram escolhidas 03 (três) turmas do ensino fundamental: 6º, 7º e 8º anos. Esta aconteceu em dois momentos: a) em salas distintas para exibições de vídeos/documentários; e b) coletivamente na quadra para explanações e debates a cerca do tema. Primeiramente, foram expostos três vídeos: “Vista a minha pele”, “Xadrez das cores”⁶ e “Documentário sobre estética e cabelos afro: Espelho, espelho meu!”⁷.

O vídeo “Vista minha pele” tem duração de 24 minutos, com direção de Joel Zito Araújo; coordenação geral de Hédio Silva J.; roteiro de Joel Zito Araújo & Dandara e patrocínio de CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades).

O roteiro trata de uma paródia da sociedade atual, mostrando de forma atraente e com atores e atrizes na faixa etária do público alvo, assuntos como o racismo e discriminação racial no Brasil. O principal diferencial do filme é que é uma história invertida, em que nesse caso, a classe dominante são os(as) negros(as) e os(as) brancos(as) são os que foram escravizados(as). Os países pobres, por exemplo, são Alemanha e Inglaterra, e os ricos são África do Sul e Moçambique.

Nessa história a protagonista é uma menina branca- Maria, que estuda num colégio particular, graças a uma bolsa, pois sua condição financeira não permite. Maria sofre hostilidade e discriminação por parte dos(as) seus(suas) colegas da escola, por causa de sua cor, a não ser de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.

Maria quer ser Miss Festa Junina da escola, mas para isso necessita vencer muitos obstáculos como: a) supremacia racial negra, em que a mídia só mostra os(as) negros(as) como sinônimo de beleza; b) a repulsa de seus colegas; c) dificuldade em vender os bilhetes; d) a resistência de seus pais para que não participe do concurso. No entanto, ela sonha com o dia em que se sentirá representada na sociedade, quer assistir a TV e ver artistas brancos como ela, sentir que a sua beleza também é reconhecida, estudar na escola sobre a história de luta de seu povo. Assim, Maria com a ajuda de Luana se envolve em algumas aventuras para vencer o racismo e alcançar seus objetivos.

Percebemos, no decorrer dos acontecimentos, que vencer ou não o concurso não é o principal foco da história, mas sim o esforço e dedicação de Maria em enfrentar tudo. Ao final

⁶O endereço para assistir o vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>).

⁷O endereço para assistir o vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ>).

ela descobre que, quanto mais acredita em si própria, mais possibilidades ela tinha de convencer outros de sua chance de vencer.

O curta metragem “Xadrez das cores: o preconceito e o desafio da acolhida da diversidade” com duração de 21 minutos e dirigido por Marco Schiavon conta a história de uma mulher negra que vai trabalhar para Maria, uma senhora de 80 anos, branca, sem filhos, viúva e muito racista. Cida tem que vencer o racismo de Maria constantemente, no entanto permanece no emprego por precisar do dinheiro.

A temática do vídeo é que a história se dá como se fosse um jogo de xadrez, relacionando as peças pretas ao negro, neste caso representado pela Cida e as peças brancas ao branco, representada pela Maria. O jogo se inicia sempre com a vitória da senhora, que adora jogar as peças pretas no lixo. Porém, Cida mesmo com todas as derrotas, estuda a adversária e procura táticas para virar o jogo.

Num jogo de xadrez, cada peça possui um movimento e o objetivo do jogo é que cada jogador(a) coloque o rei sobe ataque, de forma, que o(a) adversário(a) não consiga sair e evitar a captura. Quando o(a) jogador(a) consegue isso, vence a partida. Portanto o xadrez é um jogo de raciocínio, em que os(as) jogadores(as) têm que ter inteligência para montar as jogadas. Assim, também constitui a vida de Cida e Maria nessa história. Ao final, deparamos com um desfecho surpreendente.

Esse filme serviu como material para discussão com os(as) alunos(as), focando uma das coisas que mais chama a atenção no filme: a vontade de persistir, de mudar e vencer de Cida. Além da forma como Maria tratava sua empregada e o desfecho da história.

O documentário sobre estética e cabelos afro “Espelho, espelho meu!” foi produzido por Elton Martins e possui 17 minutos de duração. É constituído por vários depoimentos a respeito da estética negra, aceitação e identidade, principalmente do cabelo afro.

O documentário "Espelho, espelho meu", apresenta a fala de várias pessoas: como crianças, adolescentes e adultos sobre a questão da identidade e estética negra. Todos falam sobre suas experiências e concepções a respeito, da valorização da beleza negra, identidade, importância de grupo nas redes sociais que valorizem a beleza negra. Além disso, também tem a fala de um historiador durante todo o filme que fala respeito da importância da aceitação do cabelo crespo e como a família pode ajudar nesse processo. O vídeo é um convite às discussões a respeito do cabelo crespo e a forma com ele é visto atualmente e na escola.

Depois da exposição dos vídeos, as turmas foram encaminhadas para a quadra de esportes onde houve uma socialização de assuntos referentes aos vídeos. Os(As) estudantes

foram convidados ao debate, apresentaram suas ideias e argumentos a respeito: de que vídeos/documentários mais gostou e por que; o que lhe chamou mais atenção; que sentimentos lhes causaram; suas opiniões.

Em seguida a bolsista Paloma discorreu, a cerca dos conceitos como: racismo, raça, discriminação e identidade. Os(As) alunos(as) deram depoimentos, relacionando com situações de discriminação racial que já vivenciaram. Alguns se posicionaram demonstrando orgulho pela sua identidade afrodescendente, podemos destacar a expressividade de um aluno que cantou um *rap* (estilo musical) com uma letra que contemplava o orgulho negro.

Foi muito significativo esse diálogo, porque sabemos que conversar sobre tais assuntos é o melhor caminho para eliminação no ambiente escolar. Os objetivos da aprendizagem foram:

- Valorizar a diversidade cultural considerando situações cotidianas
- Compreender como o racismo interfere na vida cotidiana;
- Sentir-se no lugar do outro percebendo como é ser vítima de discriminação;
- Compartilhar e ouvir experiências pessoais, refletindo sobre o que escutam.

3.1.2. Oficina do Ensino Médio

A dinâmica foi aplicada nas turmas de 1º, 2º e 3º anos. Com o objetivo principal de discutir o conceito de discriminação, os estudantes deveriam entender que existem diversos tipos de preconceito e discriminação e que estes podem estar presentes no seu cotidiano.

Ainda nas salas os(as) alunos(as) receberam fitas de identificação coloridas com o intuito de formar grupos. Os grupos foram formados e divididos por cores, respectivamente, cada grupo discutiria a cerca de um tipo de discriminação, mediado cada um por uma bolsista do PIBID. Os grupos foram assim divididos:

- discriminação racial: cor preta, bolsista Paloma;
- discriminação social: cor vermelha, bolsista Eliane;
- discriminação cultural: cor amarela, bolsista Elaine;
- discriminação estética, cor verde, bolsista Sarayane.

No segundo momento, já com os grupos formados, os(as) discentes foram encaminhados para a quadra de esportes. Nesta etapa teriam que discutir por mediação da bolsista o conceito do seu grupo, aplicabilidades no cotidiano e formas de combater. Além de

compartilhar experiências, ouvir e refletir a respeito de tais questões tão inerentes a nossa sociedade.

Os objetivos dessa atividade foram:

- compreender que a sociedade brasileira é formada por pertencentes a grupos com culturas distintas;
- fortalecer a identidade étnico-racial;
- ampliar informações sobre a diversidade e entender que a discriminação ou preconceito também existem quando julgamos pessoas pela sua classe social, sua cultura (crenças, costumes, hábitos) e/ou critérios relacionados à aparência, não somente pelo viés racial.

Portanto, podemos destacar aqui que os grupos conversaram sobre seu tema, deram depoimentos e socializaram situações vistas ou vividas, prepararam cartazes, músicas, desenhos, criaram peças teatrais etc. Em seguida foi socializada uma apresentação de cada grupo.

Os componentes do grupo verde/discriminação estética explicaram a respeito da liberdade individual que cada pessoa tem para, por exemplo, usar roupas “extravagantes”, tatuagens, tinta de cabelo, acessórios variados e etc. E ainda, as questões referentes ao peso, cor, juntamente com o conceito de beleza.

O grupo com o tema discriminação racial apresentou cartazes com frases racistas, tais como: “Não é racismo, é questão de gosto, prefiro mina da pele clarinha mesmo”, com o intuito de mostrar como a discriminação racial está tão presente no cotidiano, principalmente na linguagem, de forma que às vezes nem percebemos. Em seguida, expôs cartazes com frases antiracistas, como: “Não tenho vergonha do meu cabelo, tenha vergonha do seu racismo” (Figura01), com o propósito principal de resgatar a identidade negra e a luta contra o racismo.

E assim, os grupos com intermediação das bolsistas expuseram as suas produções. De forma que usaram como fonte eles mesmos, ou seja, suas experiências, seus conhecimentos e vivências.



Foto: OLIVEIRA, Izarete da Silva, 25/11/2016.

Figura 01. Estudantes produzindo cartazes com frases racistas e antiracistas.

Por último, a bolsista Raquel fez uma comunicação oral, fixando e afirmando a importância do respeito à diversidade e o fortalecimento de identidades. Pensamos nessa atividade com o objetivo maior de socializar e comunicar entre os(as) alunos(as) a respeito das relações raciais entre eles, focando sempre no discurso aberto, livre, oportunizando ao(a) aluno(a) expor suas opiniões e ouvir o outro.

Mais que pensar a reorganização das disciplinas há que se pensar como o cotidiano escolar – em seus tempos, espaços e relações – pode ser visto como um espaço coletivo de aprender a conhecer, respeitar e valorizar as diferenças, o que é fundamental para a construção da identidade dos envolvidos no processo educacional (SOUZA, 2006, p. 18).

Essa atividade teve um grande significado, pois refletimos sobre o papel da escola e de todos os agentes, além do(a) estudante se ver como atuante nesse processo. Ver a escola, além de um espaço de troca, não só de conhecimento, como de comunicação e convivência com as diferenças.

3.1.3. Comemoração do Dia da Consciência Negra

Essa atividade foi realizada na escola com o intuito de preparar teoricamente os estudantes a respeito da visita que aconteceria posteriormente na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO, em que a mediadora foi Izarete Oliveira, a supervisora do PIBID. Foram discutidos assuntos referentes a história de Muricilândia e como se deu o processo de formação do município e as relações estabelecidas com a comunidade quilombola.

No dia 03/12/2016 aconteceu a visita campo na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO. Alguns estudantes foram selecionados(as) do ensino médio para fazer uma visita à comunidade quilombola Dona Juscelina, a comunidade fica localizada a 62 km (sessenta e dois quilômetros) de distância da cidade de Araguaína- TO. A visita foi realizada juntamente com a equipe do PIBID de Geografia e alguns(algumas) professores(as) da unidade escolar. O objetivo principal foi conhecer a cultura quilombola, através da história de luta, seus costumes e tradições. Na visita os(as) estudantes conheceram o município e ouviram a Dona Juscelina, matriarca da comunidade, uma viúva de 86 anos, que dá nome a comunidade, o representante da comunidade e outros(Figura 02).



Foto: OLIVEIRA, Izarete da Silva, 03/12/2016.

Figura 02. Estudantes ouvem representante da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Os estudantes ouviram os relatos da história da formação do município, o trajeto que foi feito por um grupo de Nova York- MA até Muricilândia- TO. A matriarca contou sobre os costumes e tradições, em especial a festa em comemoração ao dia 13 de maio que acontece anualmente, que comemora a Lei Áurea sancionada em 13 de maio de 1888, que extinguiu legalmente a Escravidão no Brasil.

Nessa festa comemora-se a Abolição da escravatura, com a festa do Rebolado Quilombo Dona Juscelina, feira de culinária quilombola e apresentações de grupos de danças afro-brasileiras. Foram destaques da comunicação as histórias de seus descendentes quando foram escravos, sempre marcadas pela religiosidade e luta pela liberdade. Ouviram também

algumas músicas que carregam nas letras a expressão da história de luta da formação da comunidade quilombola.

A finalidade principal da ação foi para que os(as) alunos(as) entendessem a importância da preservação da cultura quilombola, que esta faz parte da história do Brasil e que está muito próximo deles(as). Entendendo assim, que estudar sobre os remanescentes de quilombos também é reconhecer a identidade negra brasileira.

3.1.4. Oficina “Discutindo Identidade na Escola”

“Discutindo identidade na escola” foi uma oficina que ocorreu na escola campo, especificamente no laboratório de informática, utilizado também como uma sala de vídeo. Os estudantes foram 25 alunos das 3ª séries do ensino médio. Essa oficina foi elaborada pela equipe do PIBID subprojeto de Geografia em parceria com o colégio, cumprindo a Lei 10639/03 e trazendo a tona assuntos referente às relações e identidades raciais.

Inicialmente foi reproduzido parcialmente episódios do vídeo “Heróis de todo mundo”, que compõe o projeto educativo “A cor da cultura”⁸. Esse é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira por meio de programas audiovisuais, fruto de uma parceria entre o MEC, Fundação Cultural Palmares, Canal Futura, Petrobrás e Centro de Informação e Documentação do Artista.

O vídeo divulgado aos(as) alunos(as) apresentou um resumo da biografia de nove cidadãos brasileiros afro-descendentes(selecionados para esse trabalho), influentes na história, arte, cultura, política e ciência do nosso país. As personalidades negras selecionadas foram: Aleijadinho, André Rebouças, Carolina Maria de Jesus, Chiquinha da Silva, Lélia Gonzáles, Machado de Assis, Milton Santos, Antonieta de Barros e Zumbi dos Palmares.

Reverendo a identidade de novos heróis, estes foram representados por personalidades negras atuais, como: Martinho da Vila, Ruth de Sousa, Alexandre Moreno e Iléia Ferraz.

Os discentes puderam perceber com o vídeo:

- a importância e o papel de tais pessoas na construção de nosso país;
- a invisibilidade do negro na sociedade atual;
- quais desafios, preconceitos e discriminações tais personalidades passaram;
- o reconhecimento da identidade no povo negro.

⁸O endereço para assistir o vídeo na íntegra “Heróis de todo mundo” do projeto educativo “A cor da cultura” - https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vtjikbNEJ8heggD_wrE

Depois do vídeo, os(as) alunos(as) responderam um questionário, no qual eles indicaram sua identidade étnico-racial, questões relacionadas ao vídeo, além de responderem a respeito de discriminação e racismo na escola. Em seguida, houve uma exposição concomitante a um debate sobre: a formação étnico-racial brasileira, racismo, discriminação e identidade racial. Foram discutidos assuntos referentes à miscigenação, raça, cotas para negros(as) nas universidades, racismo sutil e o mito da democracia racial.

Esse momento foi muito importante os(as) alunos(as) expuseram suas opiniões, refletiram e falaram de situações equivalentes que lhes aconteceram. Entendemos o quanto é importante à atuação do(da) discente nesse processo de discussão, já que na educação brasileira em geral normalmente percebemos a ausência de debates que promovam as relações raciais.



Foto: MARQUES, Sarayane, 05/05/2017.

Figura 03. Estudantes ouvindo e dialogando sobre racismo.

Essa oficina foi muito proveitosa por parte dos(as) próprios(as) alunos(as), já que foi percebida a satisfação e incitação em participar da discussão. Além de que esclarecimentos foram postos e as dúvidas expostas foram anuladas.

3.2. ESTUDANTE NEGRO E SUA IDENTIDADE NA ESCOLA

A identidade e o pertencimento étnico-racial são características que contribuem para melhor entender a composição do povo brasileiro. Discutir e esclarecer sobre a questão de identidade étnica nos leva a compreender as interações e sociais e culturais, uma vez que ser ou não negro não está diretamente ligado ao tom de pele, mas apresentam-se como significado aos indivíduos na sociedade. Assim, a identidade deve ser entendida como algo construído dentro de um processo com vários elementos como sociais e simbólicos. Dessa forma, é formada pela concepção de cada um, podendo ser construída e revista pelos indivíduos.

No caso dos(das) negros(as), o processo de identidade pode ser demorado, uma vez que, mesmo que haja incentivo por parte da família, ou de outros atores, boa parte da população ainda associa o ‘ser negro’ a coisas ruins. Assim, os adolescentes ou jovens buscam muitas vezes assemelhar-se no branco, uma vez que não vê na escola, referenciais que lhe represente, não vê a positivação da sua cultura e assim, não se sente incluído no processo de ensino aprendizagem. Um professor diz: *“E as pessoas[...] os adolescentes querem se parecer com atores de novela. Todos os galãs[...] hoje em dia até tem atores negros, Lázaro Ramos, mas os galãs são brancos dos olhos azuis, tipo Fábio Assunção. Então, o adolescente ele quer se parecer com os artistas”* (auto declarado pardo).

É interessante compartilhar uma experiência vivenciada durante a aplicação dos questionários nas turmas, nos minutos em que os(as) alunos(as) respondiam os questionários, uma professora demonstrava um comportamento altamente racista. Verificado pelas falas dela, ao dizer que os(as) estudantes não podiam se auto declararem, pois o que importava era somente o que estava nos seus documentos de identificação pessoal. E ao dizer para a turma, em tom de riso, que eles poderiam dizer que eram brancos, já que “filhote de urubu também é branco”. Associando os estudantes a desumanização.

Vemos também um relato de um professor ao dizer que os(as) professores(as) comentem referem aos estudantes negros(as) de forma pejorativa e desrespeitosa entre eles, ao mesmo tempo ele demonstra sua indignação: *“É uma coisa meio velada e às vezes não percebe. Professor falar - Ah, aquela moreninha do cabelo duro- isso não é uma forma de se referir a uma pessoa”* (Professor auto declarado pardo). Tais situações só contribuem para a perpetuação da não valorização do(da) negro(a) na sociedade e na escola.

Considerando a grande quantidade de possibilidades de auto identificação, vemos a seguir a caracterização étnico-racial declarada pelos(pelas) estudantes analisados(as)(Tabela 04).

Tabela 04: Proporção de alunos (as) por identidade étnico-racial autodeclarada por turmas, oficina e total geral*

Turmas e oficina	Negro (a)	Branco (a)	Pardo (a)	Outros**	Não indicado
33.01	14,3%	9,5%	61,9%	9,5%	4,8%
33.02	5,8%	11,8%	41,2%	29,4%	11,8%
33.03	36,8%	21,1%	31,6%	0%	10,5%
Oficina	34,8%	4,3%	47,8%	8,7%	4,4%
Total geral	23,2%	13,4%	45,1%	11,0%	7,3%

*Pergunta feita: Qual sua identidade étnico-racial?

**Foram respostas como: moreno (a), moreno(a) claro(a) e amarelo(a).

Fonte: Dados primários da pesquisa

Elaboração: SILVA, 2017

Percebemos que os(as) estudantes analisados são predominantemente negros, totalizando juntamente com cerca de 45% de pardos. E somente cerca de 13% são auto declarados brancos. Notamos também que 11% se declararam como moreno(a), moreno(a) claro(a) e amarelo(a).

Considerando a grande quantidade de possibilidades de referenciais para a construção identitária, a tendência é buscar categorias diversificadas que fujam da negritude, como a verificada na pesquisa que é o ‘moreno’. Essas classificações intermediárias são recorrentes entre os entrevistados. Isso se deve pelo fato do ‘moreno’ não ser branco, nem negro, uma vez que também apresenta baixo poder discriminatório. “[...] O moreno pode remeter a pessoas das mais diferentes cores e dos mais diferentes pertencimentos étnico-raciais” (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006).

Portanto, verificamos que a escola deve considerar como um dos assuntos de primeira ordem às relações raciais. De forma, a reconhecer a existência das diferenças e das desigualdades em nossa sociedade, além de evitar posturas e comportamentos que tem em sua essência preconceito racial, proporcionando momentos de reflexão sobre tais assuntos. Com também, fortalecer a identidade dos estudantes negros, com atividades que atribuam valores as personalidades negras.

3.3. GEOGRAFIA, ÁFRICA E RACISMO: COMO A GEOGRAFIA É IMPORTANTE NAS QUESTÕES RACIAIS

Está sempre presente nos discursos e no senso comum a ideia de que a Geografia serve para conhecer o mundo, é um saber sobre o mundo, como a ciência que estuda o espaço

geográfico (SANTOS, 2010). O espaço geográfico entende-se pela relação do homem com o espaço material, no caso algo palpável, no entanto, não é somente isso, pois dessa relação resultam simbolismos, ideias e concepções. Entretanto, a Geografia também é a relação do homem com o próprio homem, das relações das sociedades.

Assim, este espaço é entendido como o produzido pelo ser humano e que está sempre mudando, além das influências e características do ser humano sobre o ambiente, as relações das sociedades, como as culturas surgem e se formam e a dinâmica da natureza. Assim, o estudo também ajuda a compreender a diversidade dos povos sobre a superfície terrestre e sua pluralidade sociocultural.

Dessa forma, a Geografia também faz parte da formação humana, quando auxilia o ser humano a se inserir no mundo, em seus espaços de socialização, pois quando pensamos a sociedade e a diversidade dos povos, também estamos se inserindo neles, afinal não somos dissociáveis. É afirmar que fazemos parte de um grupo, de um povo, uma cultura e nos faz pensar como podemos agir nesse processo e no mundo.

É por isto que o sentido do aprender e ensinar a Geografia é se posicionar no mundo. E, precisamos assumir uma dupla acepção do que chamamos “se posicionar no mundo”: (i) conhecer sua posição no mundo, e para isto o indivíduo precisa conhecer o mundo; (ii) tomar posição neste mundo, que significa se colocar politicamente no processo de construção e reconstrução desse mundo. Se posicionar no mundo é, portanto, conhecer a sua posição no mundo e tomar posição neste mundo, agir. Saber Geografia é saber onde você está, conhecer o mundo, mas isto serve fundamentalmente para você agir sobre esse mundo no processo de reconstrução da sociedade: se apresentar para participar (SANTOS, 2010, p. 142).

Os conhecimentos da Geografia desde as séries iniciais começam sempre contextualizando o espaço conhecido pelo(a) aluno(a), afinal ali constitui o seu mundo, de forma que a visão vai contemplando mais até chegar a uma visão mais ampla. Para que o estudante entenda que a partir da sua realidade, os objetos e relações do seu espaço se concebem também Geografia. Então, os ensinamentos sobre o espaço e suas relações servem para que o(a) estudante se posicione, de forma que terá em si conhecimentos adquiridos pela disciplina aplicáveis na vida real.

A Geografia serve então para a construção de referenciais posicionais do indivíduo no mundo – e, aqui, falamos de “mundo” como uma noção que atenta para a complexidade espaço-temporal das relações sociais do/no espaço vivido, relações que o constroem, o influenciam, são influenciadas por ele, enfim, o constituem bem como são por ele e nele constituídas, numa relação de imanência que torna indivíduo e mundo algo tão indissociáveis quanto estrutura (social, econômica, espacial, etc.) é em relação à experiência [...] (SANTOS, 2010, p. 142).

A localização citada aqui, não diz respeito apenas aquela em que se usa os pontos cardeais, uma bússola ou um mapa. Estamos nos referindo à localização de mundo e lugar feita

por cada um de nós, em que nos declaramos pertencentes a um lugar e a um grupo. Ou seja, seu pertencimento como cidadão(cidadã) ativo(a), ciente dos seus direitos e deveres, capazes de participar da sociedade. De forma que as relações com o outro e com os demais fazem parte de seus referenciais no mundo.

Estudar a África na Geografia não é estudar uma cultura alheia a nossa, como alguns pensam. Estamos nos referindo ao continente que faz parte (por meio dos(as) negros(as) africanos(as)) da nossa origem e história como a formação sociocultural atualmente. Assim, não estamos mencionando o continente africano numa mera perspectiva estrangeira, mas apontando as marcas deixadas no conjunto cultural do Brasil, representadas pela raça, dança, música, culinária, artes, literatura e religião.

Logo, para os(as) estudantes estudar a Geografia dentro do contexto das relações raciais é estudar a realidade, a formação sociocultural atual brasileira e as consequências dessa diversidade e a influência na sua própria vida. Afinal, não é admissível para um(uma) educador(a) ensinar algo, sem contextualizá-lo, como se este fosse irreal. Dessa forma, cabe aqui mencionarmos o racismo e discriminação racial como consequências das percepções e reações geradas pelas pessoas a partir dessa diversidade. Logo, além do(a) aluno(a) estudar a formação do povo brasileiro, através da história e cultura, este se identifica e cria em si um sentimento de pertencimento da qual ele faz parte e também estará refletindo sobre as relações geradas entre tais povos e como tais relações podem estar presentes em sua vida.

Portanto, percebemos importância de estudar geografia, racismo, África nas relações raciais, pois é antes de tudo, uma construção da visão de si e do outro, através da história de um povo que teve um grande papel na construção do Brasil e constitui raízes de grande parte da população atual do país. Além de analisar como tais estão inseridos na sociedade, seus processos políticos e de luta pelos direitos, questões importantes e pertinentes hoje no nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise a respeito da ocorrência do racismo no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, com o intuito de comprovar a existência de tais discriminações dentro do ambiente. Diante das discussões, as observações, aplicação de entrevistas e questionários, tanto nas relações dos(as) professores(as), quanto nas relações entre alunos(as), infelizmente nos possibilitou comprovar a ocorrência do racismo no cotidiano da escola.

Os(As) alunos(as) demonstraram dificuldades ao reconhecerem sua identidade étnico-racial. A maioria dos(as) professores(as) entrevistados(as) se demonstrou serem capazes de trabalhar com a questão étnica com seus(suas) alunos(as), porém através de suas falas e depoimentos foi possível verificar que ainda carregam estigmas preconceituosos. É preciso perceber, porém, que os(as) professores(as) não trazem em sua formação a capacidade para lidar com tais situações, estes buscaram outros meios para trabalhar com a diversidade. Dessa forma é preciso serem postos ao seu alcance propostas pedagógicas que lhes auxiliem nesse processo.

Diante disso, é preciso dizer sim que a sociedade brasileira é preconceituosa e que em decorrência disso o modelo de educação de hoje, mesmo possibilitando a entrada de todos, não tem sido muito inclusivo. No entanto, a escola que é capaz de detectar isso, que admite que em seu interior haja atos de discriminação racial e reconhece que é preciso mudança, deve agir coletivamente em prol dessa mudança. Proporcionando em seu interior momentos de discussões voltados a compreensão tanto para professor(a) quanto para o(a) aluno(a) de que a diversidade é algo saudável e enriquecedora; que é necessário respeitar os outros tais como são, com suas características e identidades próprias.

Portanto, o combate ao racismo e discriminação no ambiente escolar deve ser um esforço de todo corpo escolar, além disso, também é dever da família. É necessário um esforço de todas as partes envolvidas para conquistar uma sociedade verdadeiramente democrática. A escola precisa criar e desenvolver programas que incentivem a construção da identidade do(a) aluno(a). É preciso discutir e abordar na escola a história e a formação da sociedade brasileira, explicar que os(as) negros(as) e os(as) índios(as) são os mais discriminados socialmente, expor as lutas e conquistas desse povo na escola, além de incentivar a construção da identidade do(a) aluno(a).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY Miriam & CASTRO. Mary Garcia. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade** Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo, História e História da África**. In.:Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Nº 1 jun./2008 Disponível em: <www.revistas.usp.br/sankofa/article/download/88723/91620> Acesso em: 15/03/17.

BRASIL, **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006. 262 p.

BRASIL, **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para Todos).

BRASIL, **Lei nº 10.639** D.O.U. de 9 de janeiro de 2003^{9.394} Presidência da República, Casa Civil. Brasília, DF.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Prefácio à segunda impressão** (2000). In.:MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2ª edição revisada.2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo.

FRESCHI, Elisandra Mottin e FRESCHI, Márcio. **Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar**. (REI) Revista de Educação do IDEAU Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013 Semestral Disponível em <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf> Acesso em 16/04/2017.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**, 2012. Disponível em <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>> Acesso em 13 de Fevereiro de 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. In.: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2ª edição revisada. 2005.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. [Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB – RJ, 2003]. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2017.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2ª edição, 2005

PIMENTEL, Josiane de Jesus. et al. **Racismo na escola: um desafio a ser superado**. Disponível em: <serra.multivix.edu.br/wp.../06/Racismo_Escola_um_desafio_ser_superado_ped.pdf> Acesso em 24/ 04/2017.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho e TRINDADE, Azoilda Lorettoda. **Ensino Fundamental** In: BRASIL, **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006. 262 p.

SANTOS, Maria das Graças. **Apresentação, Coleção Particular** In.:BRASIL, **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, 2006.p.13 e 14.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei n o 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro** In.: BRASIL, **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n° 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

SANTOS, Sales Augusto dos. **Ação Afirmativa ou a Utopia Possível: O perfil dos professores e dos Pós-Graduandos e a Opinião destes sobre Ações Afirmativas para os Negros Ingressarem nos Cursos de Graduação da UnB.***Relatório Final de Pesquisa*. Brasília: ANPEd/ 2º Concurso Negro e Educação, mimeo, 2002.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** In.:BRASIL, **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**.Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006. 262 p.

SOUSA, Nilva de. **O racismo velado, por Kabengele Munanga**. Revista Fórum. 2011. Disponível em <<http://jornalggn.com.br/blog/luissnassif/o-racismo-velado-por-kabengele-munanga>> Acesso em 09/03/2017.

SOUZA, Paulo Renato. **Prefácio à primeira edição (1999)** In: MUNANGA, Kabengele (org), **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2ª edição revisada. 2005.

STELLING, Luís Felipe Peçanha. **Raças humanas e raças biológicas em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio**. 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Ciência, sociedade e Educação, 2007.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Ensino de Geografia e Currículo: questões a partir da Lei 10.639**. Vol. 1 Nº 34, São Paulo: Terra Livre, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Ensino Médio**In.:BRASIL, **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**.Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006. 262 p.

SILVA, Ana Célia da.**A desconstrução da discriminação no livro didático** In MUNANGA, Kabengele (org), **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2ª edição revisada. 2005.

APÊNDICES

Apêndice 1 Roteiro de entrevista realizadas com docentes da Área das Humanidades

Roteiro de Entrevista para a Equipe de Docentes da Área das Humanidades

1. Caracterização

Idade: ___ anos Sexo: M () F () Identidade étnico-racial _____

Área de Atuação: _____ Tempo de atuação: _____ anos

2. O que é racismo?

3. Existe racismo no Brasil? E na escola, em especial no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, já presenciou algum tipo de discriminação racial?

4. Qual seu ponto de vista a respeito das relações raciais entre alunos? Acredita que essas questões são determinantes nos laços de amizade entre eles?

5. O aluno negro demonstra mais timidez ou dificuldades de aprendizagem? Se a resposta for positiva, porque isso acontece?

6. Qual sua opinião sobre a Lei 10.639/2003 que dá obrigatoriedade ao ensino de História e Cultura Afro- Brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil?

7. A escola ou o professor tem alguma responsabilidade no combate ao racismo na escola? Se a resposta for positiva, que atitudes devem ser tomadas?

8. E você como educador, como agiria ao presenciar um ato racista em sua sala de aula? Você se acha preparado para lidar com tal situação?

Apêndice 2. Questionário aplicado aos estudantes das 3ª séries do Ens. Médio

Questionário Estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes

1. Caracterização

Ensino: () Fundamental () Médio

Turma: _____ Turno: () Matutino () Vespertino () Noturno

Idade: ____ anos Sexo: M () F () Identidade étnico-racial _____

2. O que é racismo?

- () Maltratar ou discriminar alguém fundamentado na sua cor
 () Achar que a sua raça é superior a raça do outro
 () Entender que a raça interfere na capacidade intelectual de alguém
 () Todas as alternativas são verdadeiras

3. Você já presenciou algum ato de racismo ou/e discriminação racial na escola?

- () Sim; de aluno (a) contra aluno (a)
 () Sim; de professor (a) contra aluno (a)
 () Não

4. Você já sofreu alguma discriminação racial ou racismo na escola?

- () Sim; de outros alunos
 () Sim; de professores
 () Sim; de outros funcionários
 () Não

5. Você já percebeu alguma diferença de tratamento da escola para com alunos brancos ou negros?

- () Sim; pelos professores
 () Sim; pelos outros funcionários da escola
 () Não

6. Você acha que os professores demonstram ter alguma preferência por algum colega?

- () Sim; na maioria pelos (as) brancos (as)
 () Sim; na maioria pelos (as) negros (as)
 () Não

7. Você ficaria/namoraria um (a) garoto (a) negro (a)?

- () Não; prefiro garotos (as) brancos (as)
 () Sim; prefiro garotos (as) negros (as)
 () Ficaria/namoraria com qualquer um, não tenho preferência por cor

8. E quanto aos apelidos, já recebeu algum relacionado à sua cor? Qual foi sua reação?

Apêndice 3 Questionário aplicado a 25 alunos durante a Oficina Discutindo Identidade na Escola

Oficina: Discutindo Identidade na Escola

1. Caracterização

Turma n.º: _____ Turno: _____

Idade: ___ anos Sexo: M () F () Identidade étnico-racial: _____

2. Você conhece as personalidades exibidas nos vídeos?

Sim () Não () Algumas () Quantas? _____

Diga o que você sabe sobre estas personalidades

1. Aleijadinho _____

2. André Rebouças _____

3. Carolina Maria de Jesus _____

4. Chiquinha da Silva _____

5. Lélia Gonzales _____

6. Machado de Assis _____

7. Milton Santos _____

8. Antonieta de Barros _____

9. Zumbi _____

3. Você se reconhece nestas personalidades?

Sim () Não () Algumas (). Quantas? _____

Se não, por quê?

4. Você já viu na mídia e/ou revistas, livros algumas destas personalidades?

Sim () Não () Algumas (). Quantas? _____

Se a resposta for negativa, porque acha que não estão representadas estas personalidades?

5. Você acha que essas personalidades sofreram discriminação e/ou racismo?

Se a resposta for positiva, qual tipo de discriminação e/ou racismo estas personalidades sofreram?

6. Você já presenciou algum ato de discriminação e/ou racismo na escola?

Sim () Não () Se a resposta for positiva, descreva como ocorreu a discriminação e/ou racismo. _____

7. Você já sofreu algum ato de discriminação e/ou racismo na escola?

Sim () Não () Se a resposta for positiva, descreva como ocorreu a discriminação e/ou racismo. _____

ANEXOS

Anexo 1. Lei Nº 10.639/2003

LEI Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque